

ESPECIE ADICTOS



zm duarte

Sumário

Seção 1 – Contexto Político

Seção 2 – Contexto Social

Seção 3 – Biografia Minúscula

Seção 4 – Biografia Maiúscula

Seção 1 – Contexto Político

Percebe-se, nos últimos anos, o aumento da visibilidade de determinados fenômenos relacionados às drogas. Nota-se também a sua identificação enquanto fenômenos de expressão social, a exemplo do uso coletivo de drogas em espaços públicos, dos danos à saúde decorrentes de acidentes automobilísticos e do aumento da criminalidade.

A temática das drogas passou a ser foco de discussões de políticas sociais setoriais como, por exemplo, a saúde, a segurança pública e a assistência social, enquanto ampliam-se as respostas sociais em torno de planejamentos envolvidos com esse fenômeno, como ações de combate ao narcotráfico e atendimento socioassistencial aos usuários.

No cenário contemporâneo, as discussões acerca das drogas estão relacionadas à luta

pela garantia dos direitos humanos, na qual há necessidade de posicionamento crítico e de respostas sociais coerentes e éticas. Assim, a partir de questionamentos que surgem da prática profissional, evidencia-se a necessidade de mais esclarecimentos sobre esse tema.

Inicialmente, discorre-se sobre a historicidade das drogas mais consumidas pelo ser humano, como a cafeína, o álcool, a cocaína, o tabaco e a maconha, a fim de evidenciar as contradições das respostas sociais dadas às relações estabelecidas entre tais substâncias, os homens e as consequências sociais da existência do mercado da droga.

Por meio do resgate do conteúdo histórico, evidencia-se o caráter moral, ideológico e criminalizado contido nas estratégias de controle, respostas sociais plausíveis com as exigências do processo de reprodução das

relações sociais no modo de produção capitalista, desde sua expansão até o presente.

Em continuidade, são apresentadas as legislações existentes no país que seguem em consonância com as políticas internacionais de combate e repressão ao tráfico, a presença dessa temática nas políticas setoriais estatais e também os modelos teóricos e as abordagens terapêuticas utilizadas no atendimento às pessoas em situação de abuso e dependência química.

Assim como o álcool, a folha de coca, base da produção da cocaína, era utilizada pelos povos sul-americanos do Peru, Bolívia, Colômbia e Equador. Finalmente, cita-se o crack, droga que surgiu nos Estados Unidos nos anos 1980, sendo obtido a partir da mistura de bicarbonato de sódio, água e cocaína. O sucesso do crack entre os usuários está

relacionado ao baixo custo de sua produção e, conseqüentemente, de aquisição, disseminando-se principalmente entre a população mais pobre.

Com o desenvolvimento da medicina e seus avanços nos estudos sobre o corpo nos séculos XIX e XX, houve a interdição quanto ao consumo do álcool. A partir de então, o alcoolismo foi consolidado como “doença” no bojo das teorias médicas sobre o ser humano.

Dessa forma, o Movimento de Higiene Mental se fortaleceu no mundo ocidental, inclusive no Brasil, entre os anos de 1920 e 1930. Devido ao fato de que as drogas estão presentes nos diferentes tempos históricos, elas possuem ligação com o desenvolvimento tecnológico.

A partir da década de 1950, foram desenvolvidas diferentes drogas como as anfetaminas, barbitúricos e benzodiazepínicos, sendo esse período

marcado pelo desenvolvimento de processos de reestruturação produtiva, repercutindo significativamente na alteração do modo de reprodução social e do consumo de diferentes drogas.

Na década de 1980, com o avanço da epidemia de HIV/AIDS, relacionada ao compartilhamento de seringas entre usuários de drogas injetáveis, a discussão acerca das drogas ganha visibilidade, sendo necessário obter conhecimentos mais aprofundados sobre as relações existentes entre as drogas e seus consumidores.

O desafio do debate das drogas no Brasil não é se devemos afrouxar as leis da maconha, mas apresentar dados e informações e produzir uma política passível de ser avaliada constantemente. A implementação dessa política não ocorre espontaneamente, mas como uma ação determinada de governo.

Talvez seja inútil esperar por uma grande política nacional de drogas. Os estados e municípios poderiam se envolver nessas ações com a ajuda comunitária. A sociedade civil já está bastante mobilizada sobre o assunto álcool e drogas.

É necessário que os governos democraticamente eleitos mostrem a sua capacidade de organizar uma resposta adequada a esse problema, que afeta milhões de brasileiros.

O autor argumenta ainda que o uso e a disponibilidade das drogas, sejam lícitas ou ilícitas, quando há uma demanda em crescimento, podem trazer prejuízos sociais significativos. Ele defende que "As políticas não deveriam ser consistentes apenas do ponto de vista ideológico, mas também do ponto de vista prático; ou seja, diminuir o uso global das drogas."

Em sua discussão, porém, os especialistas não abordam alternativas para a diminuição da oferta e da demanda do consumo de drogas, que englobam a complexidade de fatores sociais envolvidos nas relações de consumo dessas substâncias.

Diante disso, chama-se atenção para a inserção da América Latina no mercado mundial das drogas, para o fato de que suas relações com as economias capitalistas centrais correspondem exatamente às expectativas de sua inserção, através de uma economia com características específicas, presa aos processos da era colonial, que se tornou essencial para a expansão da oferta de drogas nos países centrais. Uma economia agroexportadora, com matérias-primas abundantes e mão de obra barata, formou a base do crescimento da produção de entorpecentes como a cocaína e a maconha.

A droga se converte no grande eixo moral, religioso, político e ético da reconstrução do inimigo interno, ao mesmo tempo em que produz verbas para o capitalismo industrial de guerra. Este modelo bélico produz marcas no poder jurídico e a banalização da morte. Os mortos dessa guerra têm uma extração social comum: são jovens, negros, indígenas e pobres.

A saúde pública brasileira reconhece que não vinha se ocupando devidamente com o problema da prevenção e tratamento de transtornos associados ao consumo de álcool e outras drogas e que, assim, foi produzida, historicamente, uma importante lacuna, deixando-se a questão das drogas para as instituições da justiça, segurança pública, pedagogia, benemerência e associações religiosas.

É somente em 2002, e em concordância com as recomendações da III Conferência Nacional de Saúde Mental, que o Ministério da Saúde passa a implementar o Programa Nacional de Atenção Comunitária Integrada aos Usuários de Álcool e Outras Drogas, reconhecendo o problema do uso prejudicial de substâncias como importante problema de saúde pública.

Em todo o território nacional, as drogas, bem como o plantio, a cultura, a colheita e a exploração de vegetais e substratos dos quais possam ser extraídas ou produzidas drogas, são proibidos, ressalvada a hipótese de autorização legal ou regulamentar, bem como o que estabelece a Convenção de Viena das Nações Unidas sobre Substâncias Psicotrópicas, de 1971, a respeito de plantas de uso estritamente ritualístico-religioso.

O Relatório Brasileiro sobre Drogas de 2009, referente ao ano de 2007, apresenta dados

que mostram que a maioria das internações por transtornos mentais e comportamentais esteve relacionada ao uso do álcool, correspondendo a 69% dos casos, seguida pelas internações decorrentes do uso de múltiplas drogas, com cerca de 23%, e, em terceira posição, aparece a cocaína, totalizando 5% das internações.

No âmbito dos afastamentos de trabalhadores pelo Instituto Nacional do Seguro Social, o relatório apresentou que a droga mais associada aos afastamentos no período de 2001 a 2006, devido a transtornos mentais e comportamentais, foi o uso de álcool, seguido pelo uso da cocaína.

O fato de o álcool ser uma droga lícita não significa que seja menos nocivo. Os dados do I Levantamento Nacional sobre os Padrões de Consumo de Álcool da População Brasileira, de 2007, mostram que o consumo frequente de

bebidas alcoólicas aumentou, se comparado com os quatro primeiros levantamentos sobre o consumo de drogas psicotrópicas, e foi de cerca de 11% no ano de 2004. Além disso, o uso pesado, definido como 20 vezes ou mais, gera preocupação. Além dos danos diretos e individuais relacionados ao uso do álcool, ressaltam-se aqueles que são acompanhados como causa e efeito de práticas de violência, sendo as mais comuns: violência doméstica, no trânsito e na escola.

Entre todas as substâncias psicotrópicas avaliadas no levantamento de 2007, o álcool apresentou a menor média de início do consumo, pouco mais de 12 anos de idade. Esses dados dizem muito sobre a relação socialmente estabelecida entre o tipo de droga e a cultura em torno de seu uso. No país, bebidas alcoólicas estão constantemente associadas a futebol, praia e beleza e, dessa

forma, seu consumo, de forma contraditória, é fortemente estimulado.

Desde a identificação do uso de drogas como problema social, diversos modelos conceituais têm sido evocados a fim de explicar o fenômeno da dependência química. Esses modelos conceituais privilegiam fatores sociais, ambientais e relacionais, buscando a identificação de determinantes e condicionantes entre o indivíduo, a sociedade e a dependência.

O mapeamento das abordagens terapêuticas utilizadas no tratamento da dependência química tem como objetivo auxiliar na análise da produção acadêmica do Serviço Social sobre o tema drogas, possibilitando identificar os limites e as contribuições dessas perspectivas na intervenção do assistente social, frente às demandas relacionadas ao tema.

Nesse sentido, ressalta-se que os profissionais utilizam o arcabouço teórico de outras áreas de produção do conhecimento para a consolidação de sua própria produção intelectual e da prática interventiva.

Os profissionais de Serviço Social, nas décadas de 1970 e 1980, no atendimento a usuários em dependência química, com base nas produções teóricas de outras áreas de produção do conhecimento, buscaram recursos teóricos e práticos para atender às demandas relacionadas com o tema, entre elas a psicanálise e a teoria sistêmica comportamental.

Na perspectiva teórica da psicanálise, propõe-se que o fenômeno do uso de drogas traz particularidades, dependendo da estrutura na qual se manifesta, considerando que as drogas podem ser usadas com diferentes funções, relacionadas à estrutura subjetiva do sujeito.

Portanto, no tratamento psicanalítico, quando oferecido aos usuários de drogas, torna-se necessário considerar a função e o sentido desse fenômeno para cada sujeito, sendo realizado a partir de uma escuta clínica que produza efeitos subjetivos e que seja capaz de favorecer um reposicionamento do paciente ante as desordens de que se queixa.

Na tentativa de identificar os fatores que influenciaram os usuários no desenvolvimento de sua dependência de álcool, constata-se que as diferentes histórias dos idosos em relação ao processo de desenvolvimento do alcoolismo demonstram que o início da dependência do álcool está muito atrelado ao fator sociocultural. Isso porque houve influência do meio em que viviam, pois muitos presenciaram familiares ingerindo bebidas alcoólicas e, em algumas famílias, o consumo do álcool era incentivado pelos próprios

familiares, que ofereciam bebida alcoólica às crianças.

A dificuldade de percepção ou de instalação da dependência também foi abordada, sendo apontado que a falta de um diagnóstico precoce da dependência alcoólica resultava na exclusão dos usuários dos serviços de atendimento de saúde. Na ocasião da pesquisa, a causa apontada para a tardia identificação da síndrome era a insuficiência de conhecimentos durante a formação médica.

No campo da dependência química, igualmente dispomos de alternativas para os sujeitos. Trata-se de uma acolhida que propicie às pessoas uma escolha consciente, que não pode ser encorajada em um sistema no qual as pessoas são induzidas a seguir determinado modo de ação, nem em que um tratamento relativamente padronizado é

oferecido a todos. Há de se motivar aqueles que buscam ajuda a reconhecer sua liberdade de escolha quanto à forma como desejam tratar sua condição.

Dessa forma, o modelo adaptado às exigências brasileiras coloca as famílias como responsáveis por atribuições que deveriam ser executadas pelo Estado. Em outras palavras, a revalorização da família pode ser vista como um discurso ideológico e de cunho conservador que exime o Estado da responsabilidade pela reprodução social, em que, diante das expressões da questão social da conjuntura neoliberal, do recuo das políticas sociais e das ameaças à integração social, a solidariedade de parentesco é percebida como um recurso possível. A utilidade das redes de parentesco é, então, valorizada. Em outras palavras, quando o presente vai mal, reinventa-se o passado.

Seção 2 – Contexto Social

Contextos pessoais e sociais:

O autor que lhes escreve não nasceu dependente e escravo de seus vícios; os contextos demonstram que ele foi vítima do percurso de sua vida. Consta em sua personalidade certa dosagem de leve depressão matinal, o que lhe trouxe profundas tristezas em muitos dias de sua vida, hoje em menor grau. O recomeçar de um novo dia lhe trazia melancolia; com o avançar da claridade do sol, o nível de depressão seguia baixando gradativamente no decorrer do dia.

No meu caso de autor adicto, o processo de dependência teve forte ligação com a lenta e gradual depressão. O consumo do álcool foi a fuga encontrada. Nem todos os adictos têm ligação com a depressão e, geralmente, apresentam sentimentos de tristeza e vazio no decorrer de suas vidas.

A questão depressiva não me invade; eu ainda tenho força para criar barreiras de proteção, são meus antibióticos, risos.

“Eu gostaria de chorar as lágrimas que estão coladas na minha alma, sinto grande desespero de encarar o íntimo do meu ser, isso se torna meu desafio. Eu confesso que estou cansado de mim; o espelho não me agrada, embora eu me ache bonito. Vejo que as estações do ano transformam o ambiente, e eu, ignorante e sem a sublime noção de perceber que o ambiente está sempre em processo de metamorfose, preciso ter a sublime atenção.

Imagino e digo que sou iluminado, embora eu procure sempre os contextos de vida para agradar as pessoas.

Confesso que ainda tenho reflexos e lucidez para sentir e transmitir amor e alegria.

Eu não tenho conhecimento suficiente da questão “depressão”, utilizada por mim neste livro como “doença da tristeza”, simplesmente como um sintoma de vazio emocional ou espiritual.

Eu, adicto, autor deste livro, posso lhes dizer seguramente que a minha depressão é semelhante à ferrugem agindo nas ferragens de um prédio. Se não tratar, uma hora o prédio vai ficar comprometido. Temos vários exemplos de prédios que ruíram; assim é a minha estrutura emocional, verdadeiramente frágil.

Para melhor ilustrar, em Campos do Jordão presenciei e vivenciei a triste imagem de uma araucária, fruto do pinhão, uma frondosa árvore de mais ou menos 30 metros de altura, robusta e forte. Ela teve o seu tronco absorvido por uma trepadeira; a araucária

quase não é reconhecida, tamanha a absorção sofrida.

Todos os dias eu a visitava e estabelecia parâmetros com relação à minha pessoa. A minha superficial depressão roubava a minha energia de uma forma cruel, fato este que vejo como um dos motivos que intensificou a minha adicção, acentuando ainda mais a gravidade e a busca pela fuga no consumo de álcool.

Vejo que a vida é recheada de tristezas. Nada importa o que fizemos ou fazemos; no final, todos vamos morrer. Cada um de nós está refém de um corpo em constante solidão. O tempo passa, e o que passou nunca voltará. Quando levarmos nossas sombras, nada ficará para trás, somente as estrelas.

Por natureza, o ser humano é bom ou ruim? Este é um debate antigo e filosófico. Nossa visão de mundo sobre o assunto tem

consequências profundas para si e para a sociedade.

Minha visão é de que existe uma ideia enrustada na sociedade: sim, o ser humano é egoísta por natureza. Isso é o motivo das aberrações de nossa civilização, como a desigualdade extrema, o colapso natural, a competição predatória, as atitudes preconceituosas, a exploração dos semelhantes e o ecocídio.

Eu, como adicto, tenho o conceito de que o egoísmo não deve prevalecer em nossas vidas. Nada contra a riqueza, desde que seja por esforço próprio e não com a exploração e o extermínio de outras formas de vida.

Quando me retrato como adicto, não me caracterizo como boa ou má pessoa; penso em altruísmo, agir pelo bem alheio, mesmo que haja sofrimento para si próprio, agir simplesmente com bondade.

Eu, como adicto, procuro aproximar-me de minha bondade natural; aprecio mais a doação e a humildade. Agradam-me atitudes como compaixão e amor. Vencer ou não na vida depende de outros fatores pessoais. Creio que desprezar a solidariedade é entrar em um processo vegetativo de vida.

Neste meu contexto adicto de ser, vejo que devemos sempre compartilhar bens materiais e espirituais. No reino animal, são frequentes as atitudes de solidariedade. Neste processo de desigualdade social, agrava a vida do autor adicto quando se depara, como por exemplo no Brasil, com o fato de que 8 a 10 bilionários têm a mesma riqueza que 50% da população.

Não sei explicar de forma concreta, mas isso me incomoda e me traz resquícios de tristeza e, conseqüentemente, agrava minha sublime depressão; no entanto, tenho ciência de que preciso dar continuidade à minha vida.

O americano Andrew Solomon, autor do livro *O Demônio do Meio-Dia: Uma Anatomia da Depressão*, tece os seguintes comentários em seu livro sobre a depressão que está em constante sintonia com a adicção: “A depressão é um tanto nascimento quanto morte. A trepadeira é o que nasceu. A morte é a própria desintegração da pessoa, o quebrar dos galhos que sustentam essa infelicidade. A primeira coisa que vai embora é a felicidade. A pessoa não consegue ter prazer em nada. Mas logo outras emoções caem no esquecimento junto com a felicidade: a tristeza como você a conhecia, a tristeza que parecia tê-lo conduzido até este ponto; o senso de humor; a crença no amor e na sua própria capacidade de amar. Você perde a capacidade de confiar nas pessoas, de ser tocado, de sofrer. Posteriormente, ausenta-se de si mesmo. O diagnóstico é tão complexo quanto a doença. Os pacientes perguntam aos médicos o tempo

inteiro: 'Estou deprimido?', como se o resultado pudesse ser obtido através de exame de sangue. O único modo de se descobrir se está deprimido é escutar e observar a si mesmo, examinar seus sentimentos e pensar sobre eles. Se você se sente mal sem nenhum motivo durante a maior parte do tempo, está deprimido. Caso se sinta mal a maior parte do tempo com motivo, também está deprimido, embora mudar os motivos possa ser a melhor maneira de avançar, em vez de simplesmente deixar de lado a circunstância e atacar a depressão. Se isso o incapacita, então é grave. Se é apenas levemente perturbador, não é grave. A depressão interage com a personalidade. Algumas pessoas são corajosas ante a depressão, durante e depois dela, e outras são fracas. Uma vez que a personalidade também tem um aspecto fortuito e uma química que confunde."

Vejo que é importante citar está ótima filosofia de um Centro de tratamento de dependentes químicos:

Pedido de ajuda: Estou aqui porque, finalmente não há mais como me esconder de mim mesmo.

Identificação com seus pares: Até não me confrontar nos olhos e no coração de outros, estarei fugindo.

Partilha: Até sofrer o partilhar dos meus segredos não me libertei deles.

Necessidade de auto conhecimento: Temeroso de ser conhecido não poderei me conhecer, nem aos outros....E estarei só!!

Confronto com seus pares: Onde, senão em meu companheiro, poderei encontrar este espelho!!

Aceitação da realidade: Aqui, juntos, posso finalmente conhecer-me por inteiro, não como o gigante, que sonho ser nem tampouco como o anão dos mesmos temores, mas como parte de um todo, compartilhando meus propósitos.

Mudanças de estilo de vida: Neste solo poderei criar raízes e crescer, não mais isolado como a morte, mas vivo para mim e para os outros.

Narcóticos Anônimos para a sociedade:

a) AA apresenta uma organização e estrutura de filiação completamente descentralizadas e de base, sem mandato de autoridade superior sobre a autonomia dos grupos. Os grupos de AA constituem a principal mola propulsora desta irmandade; tudo deve passar pelo consenso coletivo do grupo; dentre essa revisão sobre as perspectivas das abordagens do empoderamento, quanto aos ganhos obtidos com o tipo de recuperação proposto em AA;

b) em AA, existe uma proibição explícita de acumulação de dinheiro, propriedade e prestígio. Logo, os membros não são donos das salas onde acontecem as reuniões. Estas são, geralmente, alugadas ou cedidas. Os participantes também não são donos dos grupos, ou seja, os cargos de coordenação de grupo, tesoureiro, entre outros, são sempre

ocupados sob a forma de rodízio, para que as pessoas não tenham chances de se manterem no poder;

c) a organização mantém completa autonomia e independência em relação aos profissionais de um modo geral, sejam eles médicos, psiquiatras, psicólogos, entre outros, o que não impede que haja parcerias de cooperação com eles;

d) as reuniões em AA são baseadas em um forte processo de valorização da história pessoal de cada membro e de aprendizagem grupal. O que os une é o sentimento de que, independentemente da vida de cada um, todos ali estão vivenciando um problema comum: o alcoolismo;

e) em AA, há garantia de absoluto anonimato para os membros que frequentam as reuniões em relação ao mundo fora dos grupos;

Estudiosos apontam os limites da contribuição dos grupos do tipo AA:

a) seus elementos de inspiração religiosa, baseados no individualismo protestante, terminam por colocar a responsabilidade sobre o sucesso ou fracasso no combate ao alcoolismo no próprio indivíduo;

b) a consideração do alcoolismo como uma doença progressiva, incurável e de fim fatal, ao mesmo tempo em que contribui para desculpabilizar o alcoolista e sua família da culpa moral, por outro lado, aprisiona os problemas relacionados ao alcoolismo dentro de um registro médico, no sentido mais convencional da medicina ocidental, não havendo espaços para o diálogo com outras áreas de conhecimento que seriam extremamente frutíferas para o entendimento deste fenômeno, como a sociologia, a antropologia, entre outras;

c) nessa direção, quaisquer abordagens no interior das reuniões que mencionem aspectos sociais, estruturais, políticos e culturais que influenciam o ato de beber tendem a ser vistas como questões externas à irmandade e, portanto, não merecedoras de atenção. Além disso, na grande parte das vezes, tais considerações são excluídas sob a alegação de serem desculpas ou negação por parte do indivíduo que não quer tomar para si a responsabilidade sobre a prática do programa de recuperação;

d) as práticas grupais em AA, tendo em vista o seu modelo de reunião mais padronizado, ao não abrirem espaço para o risco e o imprevisível, não seriam estimuladoras de processo de individualização psicológica, criatividade e pluralismo cultural;

e) sua perspectiva psicológica estritamente racionalista, simplista e pragmática;

f) por fim, apesar de ser um dispositivo de ajuda mútua, o sujeito permaneceria fechado na estrutura institucional, não havendo espaço, então, para iniciativas de suporte mútuo, defesa dos direitos sociais ou ações de transformação e militância social no tocante ao tema do alcoolismo na sociedade.

Ainda sobre o objeto de pesquisa da tese, a categoria empoderamento foi utilizada no intuito de compreender em que medida, os grupos de mútua ajuda contribuem para o fortalecimento da autonomia dos participantes. Contudo, a pesquisadora alerta quanto ao caráter polissêmico e multifacetado dos conceitos atribuídos a essa categoria. Ela adota o conceito em que se entende por empowerment o aumento do poder e da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles

submetidos a relações de opressão, dominação e discriminação social.

História comovente de uma dependente alcoólica e depressiva.

O programa do Alcoólicos Anônimos foi o salva-vidas para Janet López Marroquina, comissária de bordo numa companhia aérea internacional, profissional divertida, extrovertida e bonita, verdadeiro perfil de uma aeromoça. Janet tem 44 anos de idade e mais de 20 anos de atividade na companhia. Passou boa parte de sua vida formando laços emocionais felizes com seus passageiros por 8 a 10 horas de voo; depois eles partem, deixando um vazio provisório, mas verdadeiro.

Janet tem sua luta com a tendência autodestrutiva; o alcoolismo e a depressão estão tão estreitamente interligados que é quase impossível ver onde termina um e começa o outro.

Sua primeira reunião no grupo AA foi há cerca de uma década. O programa não a libertou da depressão, mas lhe deu uma metodologia diferente para lidar com ela, sem o álcool em seu cérebro, mantendo afastadas as emoções ruins e decisões erradas e comprometedoras de seu equilíbrio psíquico.

Apesar de sua idade e de seu jeito animado de ser, a inteligência não é uma qualidade admirada em sua família; ninguém ali deu importância a isso. Considerando que ela sofre de dislexia, nunca passou do curso secundário. Sua avó era uma empregada obrigada a fornecer serviços sexuais ao empregador no Marrocos; seu avô, um fabricante de mobília, plantava haxixe para exportação. Ela pertencia à primeira geração de imigrantes dos dois lados, EUA e Marrocos, e crescera num enclave marroquino na Califórnia, falando uma mistura de francês, espanhol e árabe em sua

casa. Doença mental não tinha lugar naquele mundo. Não havia nenhum lugar em sua casa para as perguntas que ela fazia. A depressão acontecia de forma mais acentuada quando as metades se chocavam. O pai de Janet tinha altos e baixos em seu estado de espírito, talvez depressivo, um homem que precisava ser protegido de qualquer coisa que o perturbasse; sua mãe precisava de muito carinho, mas não o tinha do pai.

Janet teve seu primeiro colapso sério aos 19 anos, quando viajava por Israel e planejava escrever um livro sobre os kibutzim. Sua irmã teve que ir resgatá-la e levá-la para casa. Alguns anos depois, Janet resolveu mudar-se para Roma a fim de ficar com um homem a quem amava. Mas, quando ela chegou, a relação ficou metálica, o sexo era mais do que impossível e ela não tinha ou não podia dizer nada. Janet mergulhou em outra depressão.

Como muitos depressivos que abusam de substâncias, ela sofria de um enorme auto ódio e se sentia atraída por criminosos que a tratavam com violência.

Alguns anos depois do episódio de Roma, casou-se com um dinamarquês e mudou-se para Copenhague. Isso durou menos de dois anos; após o assassinato da amante do marido, eles foram longamente interrogados. Embora tivessem sido libertados, o casamento estava destruído; ele a expulsou de casa e ela teve outro colapso.

Seu trabalho na época era transportar soldados para a Operação Tempestade no Deserto. Certo dia, ela estava numa escala em Roma e, subitamente, descobriu que não podia continuar.

Janet se lembra daquele momento. Ela pediu uma salada de galinha que tinha gosto de giz. Sabia que estava com uma depressão que se

tornava cada vez mais profunda. Após isso, começou a beber; simplesmente fez de tudo para se destruir até o amargo fim. Bebia e apagava, bebia e apagava, e assim sucessivamente. Sempre escrevia bilhetes suicidas: se eu não acordar, ligue para minha mãe. Usava o álcool para se matar. Era a droga mais fácil que conhecia, mais barata e de fácil acesso.

Pouco tempo depois, Janet foi encaminhada a um hospital psiquiátrico na Carolina do Sul que era uma espécie de estaleiro, onde deveriam tentar consertá-la. Os deprimidos nunca obtinham atenção porque não faziam tanto barulho quanto os outros doidos.

Janet sentia grande ansiedade; era como se o céu estivesse caindo. A ansiedade na depressão é como ter um terrível segredo que todos estão prestes a descobrir, e você nem mesmo sabe que segredo é esse.

Passou a tomar antidepressivos e algumas outras drogas de receita, misturando-os com álcool na tentativa de superar a ansiedade. Teve duas grandes convulsões epiléticas por causa disso e terminou inconsciente por três dias em outro hospital.

Para Janet, a depressão não era entorpecimento, e sim dor; ela se sentia como uma esponja embebida de paixão, pesada e inchada. Não era silenciosa em sua dor.

Ficava acordada a noite inteira escrevendo cartas para Deus no escuro. Para Janet, ela não nascera para ser feliz, alegre e livre. Pensava que, se a vontade de seu corpo fosse ouvida, ficaria deprimida o tempo todo. Quando Janet era menina, sua mãe costumava dizer: fiquei feliz ou vá para o seu quarto com sua cara amarrada.

Janet não estava daquela forma por vontade própria; isso era apenas uma manifestação contrária à sua vontade.

A interação com outros, para Janet, era dolorosa; um encontro amoroso, então, era a coisa mais agonizante que Deus jamais fizera. Janet costumava vomitar no banheiro, tamanho era o seu desconforto.

Janet se casou para escapar da dor; ficar imaginando por que ninguém a convidava para sair a feria mortalmente.

Janet logo se casou com o segundo marido, um malaio que morava nos Estados Unidos e teve problemas com a lei, voltando para seu país. Ela o seguiu até o lar da mãe dele, tradicional e islâmico. Os constrangimentos foram simplesmente além de suas forças. Meu colapso foi ainda mais vertiginoso quando eu estava lá; voltei com mais saudade de casa do que já tivera em 20 anos.

De volta aos Estados Unidos, continuou a beber; era o único modo que encontrara para controlar a aleijante ansiedade. Periodicamente, entrava para a reabilitação; recuperava-se parcialmente por um curto período.

Janet conhece o programa do AA, começa a frequentar as reuniões e se sente bem melhor. Interpretando a literatura, deu seguimento e se sentiu segura em descrever que foi o único lugar em que já pôde ser honesta com as pessoas. Ela queria isso: um lugar para contar sua história e ser ouvida.

Quando começou a ficar sóbria, Janet se desesperou. Aquela foi a pior depressão que já teve. Isolou-se em seu apartamento e não conseguia tomar decisões; comia sanduíches de peru e salame o mês inteiro.

Ela continuou a ir às reuniões do AA por cinco anos. Acreditava que sua presença era como

uma tentativa de descobrir por que teve um colapso e se tornou uma bêbada. Seria interessante saber: a sobriedade é como uma pirâmide, e cada vez que avançamos um passo sentimos como se chegássemos a algum lugar e, contudo, há sempre outro passo a dar. Olhando para baixo, não podemos realmente ver os passos que estamos dando e então nos sentimos desesperados; mas, se olharmos para cima, vemos o dedo de Deus furando o céu e sabemos que estamos indo no caminho certo.

Janet descreve o momento em que sentiu que o vício e o pior da depressão haviam passado. Estava no Japão quando viu lindas flores no meio de uma loja de departamentos; parou, tocou as flores e teve um profundo sentimento de conexão com elas, o que a fez lembrar de seus sofrimentos e da alegria da superação.

Janet sentia falta dos anos de fome, dos terapeutas que faziam de tudo para fazê-la melhorar. Sentia falta da quantidade de emoções, mesmo que fossem ruins. Nunca mais teve aquela intensidade de emoções, porque elas se distanciaram. A vida será sempre uma experiência para ela depois da depressão e da bebedeira. Janet tem percebido seus frutos; todos os seus sonhos de passar uma noite com um bando de sobreviventes da depressão séria e do vício, apenas dançando e rindo sobre os dias terríveis que se passaram. Assim, Janet imagina estar no céu.

A personalidade de Janet parece não propiciar o vício; já passou pela retirada de certas substâncias, mas jamais teve compulsão para consumir coisa alguma. Um drinque, para Janet, não lhe faz necessariamente querer outro. Uma boa sensação que ela sabe ser

extremamente perigosa, mas que não a domina a ponto de desejar sua repetição.

A depressão possibilita o vício; resistir aos desejos exige energia e determinação e, quando se está deprimido, geralmente é difícil demais dizer não à comida, ao álcool e às drogas.

É realmente simples: a depressão enfraquece; a fraqueza é o atalho mais seguro para o vício. Por que dizer não quando a negativa só o levará para uma infelicidade ainda mais intolerável?

Janet superou as dependências, trabalhou por mais 15 anos na empresa, aposentou-se e vive feliz com um companheiro do AA na Flórida, EUA.

Para reflexão:

Dentre minhas leituras e avaliações de contextos de vida, agradou-me muito uma

fatia de um parágrafo do livro “Todas as Vezes que Dissemos Adeus”, do índio guarani Kaká Werá Jecupé. Na abordagem de seu pai, o patriarca indígena fez um pedido ao filho índio para que se matriculasse em uma escola dos caras-pálidas em São Paulo. O filho reagiu dizendo-lhe: “Meu querido pai, ainda há peixes e bons palmitos para serem apanhados, ainda não descobri as trilhas sem fim da mata que me mostrem onde fica o local mágico em que mergulham ou pintam as asas das borboletas azuis. Tenho muitas coisas importantes para aprender: trançar, talhar, compreender o espaço e o tempo certo para colher folhas ou plantar sementes. Muitas cores tenho que pintar para retratar nossas origens.” O pai índio convenceu o filho. Aquela história de um lugar onde se aprendia a riscar com traços o que se falava o deixou muito pensativo e o fez se levar pelas ideias do pai. Quando me dei conta, tinham roubado a minha alma indígena;

fiquei preso no pedaço de papel, preto e branco e sem sol, em um documento chamado caderneta escolar.

No meio do caminho da vida, uma proposta até bem-intencionada gerou grande insatisfação e tristeza. É preciso aprender a ouvir o silêncio de nossos desejos. A vida é única, porém com livre-arbítrio.

Os adictos são espertos e mentirosos.

Quando se tem um transtorno causado por drogas e álcool, a vida do adicto torna-se um jogo de sobrevivência. Cada dia é dedicado a esconder os extremos da dependência química dos amigos, da família e dos colegas de trabalho. Alimentar um vício significa desenvolver um arsenal de mecanismos de defesa psicológicos. São pessoas normais que lutam contra o vício e têm que aprender a proteger-se da realidade de seus comportamentos. A racionalização da

dependência se resume em uma rotulação de mecanismos de defesa como desculpas ou mentiras e, acreditando ou não, os adictos mentem mais para si mesmos do que para os outros. O objetivo é continuar a participar desse padrão de destruição, mesmo que suas ações manchem tudo aquilo que já teve ou tem. A mentira para si próprio torna-se essencial, o caminho que causa menos dor e resistência.

Mentira um: "Eu não me importo com a minha vida e não me importo se o meu vício me mata."

Quando um viciado acredita que a vida não tem sentido, já está tão consumido pela dor que, quanto mais usa, pior se sente. Se pudesse perceber que abusar de drogas ou álcool é a maior barreira que o impede de descobrir a existência da vida.

Mentira dois: “Eu estou no controle do uso da substância. Eu posso parar sempre que eu quero.”

No fundo, a maioria dos adictos está desesperada à procura de algum tipo de justificção e, se conseguem convencer-se de que a dependência é uma escolha pessoal, quase parece que estão no controle.

Mentira três: “Eu nunca seria capaz de gerenciar meus problemas sem drogas ou álcool.” Quando você está lutando contra o vício, mesmo os menores problemas da vida podem se tornar gigantes.

Todo mundo tem problemas, mas o que não percebem é que o abuso de substâncias torna as coisas piores, e a dependência é o maior de seus problemas.

Mentira quatro: “Eu não sou igual àquela pessoa. Ele está fora de forma e

definitivamente precisa de ajuda.” Adictos gostam de comparar-se a outros adictos como forma de avaliar o seu nível de abuso de substâncias.

Contanto que haja alguém lá fora que esteja muito pior, é fácil sentir-se superior e justificar seus comportamentos de dependência menos graves.

A comparação distorcida é realmente apenas um prenúncio do que pode acontecer se o dependente não buscar ajuda profissional e logo.... [...].

Mentira cinco: “Minha dependência não afeta outra pessoa.”

Esta é provavelmente a mentira mais universal entre os dependentes químicos; ao ver a dor e a confusão nos rostos dos entes queridos, é mais fácil negar essa realidade.

Em vez disso, veem amigos e membros da família como inimigos, constantemente julgando e tentando ditar o seu caminho na vida.

Confundem preocupação com controle e esta mentira representa o egoísmo, que desempenha um papel tão grande na adicção.

Mentira seis: "A vida sem drogas e álcool é chata. A vida é muito curta para ser careta." Um estilo de vida sem drogas pode ser muito assustador para os adictos.

O processo inclui encontrar novos hobbies, novos amigos, novas maneiras de viver. Esta mentira comum vem de um lugar de medo.

Muitos dependentes nunca conheceram uma vida social ou sexual sem drogas. Para os adictos, a vida será muito curta se você acabar ou reduzir o uso ou abuso de substâncias.

Os 12 passos que dão alicerce à Irmandade Alcoólicos Anônimos

Primeiro Passo:

“Admitimos que éramos impotentes perante o álcool, que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.”

Segundo Passo:

“Viemos a acreditar que um Poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos a sanidade.”

Terceiro Passo:

“Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.”

Quarto Passo:

“Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.”

Quinto Passo:

“Admitimos, perante Deus, perante nós

mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.”

Sexto Passo:

“Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.”

Sétimo Passo:

“Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.”

Oitavo Passo:

“Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e dispusemo-nos a reparar todos os danos causados.”

Nono Passo:

“Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem.”

Décimo Passo:

“Continuamos fazendo o inventário pessoal e,

quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.”

Décimo Primeiro Passo:

“Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de sua vontade em relação a nós e forças para realizar essa vontade.”

Décimo Segundo Passo:

“Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.”

Seção 3 – Biografia Minúscula

Jose Maria Duarte Pereira, 65 anos, nasceu e foi criado em Dores do Indaiá, Minas Gerais. Aos 12 anos chegou a São Paulo. Pós-graduado em Finanças pela Faculdade de Economia de São Paulo da Fundação Álvares Penteado, bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Associadas do Ipiranga, bacharel em Psicologia e Pedagogia pela Faculdade Campos Sales de São Paulo.

Atuou como diretor e gerente de conceituadas empresas. Professor universitário e, posteriormente, comerciante.

Jose Maria Duarte foi casado por quase 30 anos com Vera Márcia Pietracatelli, com quem teve duas filhas, Ana Beatriz e Júlia Maria. Sua convivência atual com sua esposa é cordial e fraterna, e isso me deixa feliz.

Seção 4 – Histórico do tempo

Não sei se aconteceu com alguém de vocês, mas escrever meu histórico do tempo foi uma dificuldade. Já passava da meia-noite quando fiz minha oração para agradecer por mais um dia de trabalho e de vida. Veio-me à mente: eu preciso pelo menos iniciar o meu histórico. Não sei nem como começar, pensei comigo. Meu anjo da guarda está sempre de sentinela em minha vida; se eu o colocar na frente das histórias, ele me guia e eu escrevo.

Peguei o caderno, fiz o primeiro ensaio, o segundo; não estava legal. Eu não sabia posicionar meu anjo da guarda. Afinal, muito tempo se passou; os tempos acumularam atos e fatos.

Veio-me uma luz: se eu inverter a posição do anjo, posso inverter também os atos e fatos; assim, os últimos atos e fatos serão os primeiros.

E os primeiros da minha vida serão os últimos. O meu anjo da guarda conhece tudo da minha vida; ele pode até me ajudar e assim, caro leitor, será meu histórico: começa em maio de 2020 e termina em maio de 1959, com a participação especial do meu anjo da guarda, que doravante será intitulado ENOCH, origem hebraica, significa consagrado.

Olá, vocês. Eu sou ENOCH, o anjo da guarda de Jose Duarte. Ele não sabe que eu vou conversar um pouco com vocês. Por tudo que há de mais sagrado, não falem nada de mim. Vocês não me conhecem, nunca me viram, nunca ouviram falar de mim. Por que estou sendo tão incisivo?

Normalmente, todo anjo da guarda anda junto com seu protegido, protegidos iguais a vocês, filhos de Deus.

Continua ENOCH: só que, neste caso do Jose Duarte, eu tive que fazer um pedido especial

ao Supremo; a minha guarda foi invertida. Aquele tempo em que eu estaria caminhando para a proximidade provável de sua morte, ou seja, o final de seu tempo com o corpo terrestre, foi colocado em outra dimensão. O final da vida terrestre de Jose Duarte será o seu renascimento; ele estará no corpo celestial, corpo este que é para a vida eterna. Este tempo passou a ser a data de seu renascimento. Essa alteração de procedimentos ninguém pode saber, disse ENOCH. O Supremo está preocupado, porque a morte é o mistério da vida, e, do jeito que foi feito, de acordo com o estilo do histórico de Jose Duarte, vou reforçar isto para que não paire dúvida: O seu histórico caminha em direção ao seu nascimento; isso vai aproximar em muito o seu renascimento, ou seja, o dia da sua morte.

Caros leitores, vou escrever o nome do meu anjo da guarda sempre em maiúsculo. Ele merece e eu lhe devo muitos favores; afinal, nosso contato é de mais de sessenta anos.

Hoje, 25 de maio de 2020, estou aqui de espírito, carne e osso. Minha mente volta o backup, ajusta o som, dá os últimos retoques no meu cérebro. Vou começar a escrever o texto que traduz os fatos do meu presente mais recentes, alguns com muita alegria, outros de extrema tristeza. Dias desses fiz 61 anos de idade. Contador gosta de números; perguntei-me: para onde foram ou ficaram os 22.265 dias de vida? Ainda não está claro para mim. Quando digo para onde foram ou onde ficaram tantos dias de minha vida, faz-me lembrar de um passado não tão distante.

Antes de começar a escrever, fiz anotações diversas de atos e fatos. Quero fazer justiça comigo mesmo: um terço de 22 mil dias é 7,4

mil dias, em números redondos; ou seja, esses 7 mil dias eu passei dormindo, não há atos nem fatos. Sobraram 14.865 dias; diminuiu bastante, mas mesmo assim são muitos dias. Mas vamos em frente. Vou continuar com o raciocínio de 22 mil dias, porque os bons sonhos e sonhos também contam como bons momentos.

Os meus 22 mil dias de vida foram preenchidos por atos assertivos e errados. Seria bem mais confortável para eu falar somente dos assertivos, mas como posso mensurar a quantidade de atos errados que cometi? E até se foram cruciais para minha insatisfação pessoal, que por muitas vezes me causa crises existenciais.

Muitas vezes usamos o termo: nossa, parece que foi ontem. No meu caso, agora escrevendo relatos sobre meu histórico, eu tenha a

oportunidade de saber onde ficaram ou para onde foram meus 22 mil dias.

Hoje é 25 de maio de 2020, são 21h. Estou no escritório da clínica de recuperação de adictos, álcool e drogas, local onde estou internado. Está completando 11 meses de internação. Aqui sou um adicto em recuperação; hoje presto serviços administrativos e financeiros para a clínica, tenho um desconto na mensalidade e ainda ganhou um dinheirinho que me ajuda muito.

Depois eu vou contar para vocês um pouco de outras clínicas por onde passei. ENOCH não gosta muito que eu fale de clínicas.

Não contem nada para ele, combinado?

ENOCH me ouviu. Silêncio. Vocês viram, meus leitores? Ele tem um ouvido de águia. Falei um pouco alto e ele ouviu. Vai sobrar bronca para mim.

Oi, eu sou ENOCH. Quero dizer uma coisa para você, Jose Duarte: nós nunca brigamos, mas, se mentir para mim ou me iludir com falsas verdades, vou ter que dar uma advertência e levar o seu nome para o Supremo, e você vai ficar com a ficha suja, entendeu?

O que você estava falando para seus leitores, Jose Duarte?

Bem, é...é... eu estava dizendo que você é um anjo legal.

ENOCH diz: ainda bem. Se comporte, Jose Duarte. Tchau.

Este é o meu primeiro livro. Estou escrevendo aqui na clínica; deram-me a liberdade para usar o computador em causa própria. Tenho tempo disponível, algumas horas durante o trabalho, e à noite fico geralmente até as 24h, e algumas vezes passa da meia-noite.

Como disse, hoje é 25/05/2020, são 21h. Fui dar uma pincelada na internet e vi a manchete do UOL: passa de 23 mil o número de mortos pelo coronavírus. Sei que não deveria olhar; enfim, já vi. Estamos no auge ou não da pandemia do vírus? Percebo que não é somente comigo, mas com todos que convivem aqui, minha família e amigos em geral; todos estão perplexos, com um vazio no peito, meio anestesiados com a situação. Todo dia morrem 800, 1000 pessoas por conta da Covid-19. A gente fica ressabiado, mas, na real, os 800 ou 1000 que morrem todos os dias não estão empilhados ao nosso lado; não vimos nem sentimos.

Eu gosto de ler a Bíblia. São citadas passagens em que Deus castiga e dizima determinadas regiões pela desobediência ou não cumprimento de obrigações firmadas com Ele. São pestes e pragas anunciadas por Deus para

ensinar e disciplinar o povo, os profetas e presbíteros. Muito me parece o contexto atual.

O desencontro de informações é grande. Alguns dizem que o vírus foi construído em laboratório na China. O presidente brasileiro está mais perdido que cachorro quando cai do caminhão de mudança. É muita gente querendo tirar proveito político da situação. É governador superfaturando respiradores, são hospitais de campanha superlotados, é gente fazendo propaganda de caixão em carro de som: Alô, alô, freguesia, são caixões confortáveis, compre dois e leve um de brinde.

“Eu vivenciei uma pandemia do H1N1, chamavam de gripe tipo A ou gripe suína, bem recente, foi em 2009, mas não nestas proporções. Esta pandemia do H1N1 começou no México e se espalhou pelo mundo; em agosto de 2009 morreram no Brasil em torno de 600 pessoas.”

“Agora, nesta proporção de pandemia, 23 mil mortes só no Brasil e mais de 100 mil mortes nos Estados Unidos, eu nunca tinha visto. Espero que acabe logo e que um filho de Deus descubra o antídoto para este vírus.”

“Em agosto de 2018, a empresa onde eu trabalhava por 4 anos e 3 meses me ofereceu um acordo para a rescisão, dando como justificativa que o meu salário estava alto e eles tinham que cortar despesas.”

“ENOCH entrou em ação e me disse: não aceite, você vai se dar mal. A economia está complicada e você não vai arrumar emprego fácil. Reduza seu salário ou outra coisa. Olhe a sua idade, não fique desempregado agora.”

“Eu dei as costas para meu anjo da guarda, aceitei o acordo, acreditando arrumar um trabalho rápido.”

“Eu gostava do trabalho, apesar da desunião da família e das diretrizes confusas.”

“Todos estavam em constantes discussões e isso contaminava meu trabalho. Enfim, desempregado.”

“No começo eu estava tranquilo, recebi um bom dinheiro na rescisão e 4 meses de seguro-desemprego.”

“Fiz assinaturas em sites de empresas especializadas em recolocação, enviei currículos, fiz algumas entrevistas e nada. O tempo foi passando e eu continuava desempregado. Não percebia que, a cada dia, eu estava consumindo mais álcool. Entrei no ano novo de 2019 depressivo, autoestima lá embaixo, sem muita vontade para nada.”

“Afim de contas, o super Zé nunca ficou desempregado por tanto tempo. O consumo de álcool com remédios estava ficando fora de

meu controle. Já não dormia mais ou, se dormia, só um pouco durante o dia. Minhas filhas e minha ex-mulher conversaram comigo sobre uma clínica em Sorocaba, 90 km de São Paulo.”

“Ei, Jose, sou eu, ENOCH. Não posso impedir a sua ida para esta clínica, já está escrito, não consigo reverter. Aguenta firme. O que eu posso fazer é ficar ao seu lado 24 horas. Esta clínica é o inferno na terra. Boa sorte.”

“A clínica era gratuita, eu não tinha muito que falar. Pensei e concordei. No dia seguinte, um sábado, fomos para Sorocaba. Era uma clínica relativamente pequena, seis módulos de espaços. O maior deles era o dormitório e mais cinco unidades separadas, das quais uma era a secretaria; nas outras funcionavam a enfermagem, o depósito, a sala de reunião e a cozinha, com uma área coberta para o refeitório. O terreno deveria ter uns 6 mil

metros quadrados, repleto de pés de manga. Tinha manga de todo tipo. Dei sorte, era época da manga. Na parte externa do dormitório havia uma área coberta bem ampla; lá ficava uma mesa de bilhar e outra de pingue-pongue.”

“Chegamos, descarregamos as malas e fomos para a secretaria. Lá estava um senhor magro, alto e bem calvo, cara de bravo.”

“Bom dia, eu sou Rodrigues, o diretor da clínica. Preencheram a ficha?”, perguntou ele.

“Todos assinaram a ficha de adesão. Não ofereceu nem demonstrou boa vontade em apresentar a clínica. Minha filha Ana Beatriz e a Sra. Vera, minha ex-mulher, se despediram de mim e foram embora.”

“Prontamente veio um rapaz mulato, gordinho, cara de boa gente. Apresentou-se como Jordan e me disse: vamos levar as coisas

lá para o dormitório. Um quarto pequeno com três beliches.”

“Jordan me disse que não tinha armário, todos guardavam as coisas embaixo da cama.”

“OK, concordei.”

“Jordan me disse: vou te mostrar a clínica. E assim prosseguiu: aqui é o banheiro. Temos seis vasos sanitários, mas só três estão funcionando. Quando precisar de papel higiênico, é necessário pedir na secretaria; eles liberam os rolos. Depois de usar, tem que devolver. Se colocar no banheiro, os loucos mastigam como chiclete.”

“Visitamos os banheiros. Dei uma olhada geral. O chão estava todo molhado e com aquela terra fina, parecia um mingau de angu. Os lixos dos banheiros estavam abarrotados de papel. Um mau cheiro do tipo esgoto. Passamos pela área de jogos; uns quatro ou cinco internos

estavam deitados no chão. Notei que tinham problemas mentais.”

“Dois mongoloides vieram ao meu encontro e me abraçaram. Eles estavam babando, no pescoço um pano tipo fralda.”

“Jordan deu bronca neles: soltem ele.”

“Eu disse: tudo bem, Jordan, não tem problema.”

“Fomos para a enfermagem, onde não tinha quase nada de remédios. Depois nos dirigimos para a cozinha e logo se apresentou um rapaz alegre, sorridente, jovem e bonito, por que não dizer.”

“Eu sou Stewart, o cozinheiro-chefe”, disse dando risada. “Estes dois aqui são meus parceiros. O bonitinho é o Pedrinho e o feinho é o Ribeiro”, risos.

“Nos cumprimentamos e ele me deu um pedaço de mandioca frita.”

“Stewart: experimenta aí.”

“Eu degustei e disse-lhe: aprovado. Meu nome é Zé Maria, pode me chamar de Zema.”

“Nome de boleiro”, disse Stewart.

“Respondi sorrindo: já brinquei muito.”

“Agradei a atenção ao Stewart.”

“Até mais, Zema, e boa sorte.”

“Jordan disse: agora vamos voltar, o Sr. Rodrigues vai conversar mais com você.”

“Sentei-me em uma cadeira de frente para a secretaria, embaixo de um pé de manga espada. Fiquei admirando sua copa e os galhos carregados de mangas, muitas maduras, quase caindo. No chão, várias mangas maduras apodrecendo. Notei que cinco

rapazes estavam recolhendo com um carrinho de mão.”

“O Sr. Rodrigues me chamou e convidou-me a sentar.”

“E começou o discurso: aqui não tem moleza. 6h despertar, 6h30 café da manhã, 7h começa o culto e termina às 9h. A partir das 9h começam os trabalhos. A princípio, você vai cuidar dos banheiros e dos quartos na parte da manhã até as 10h, junto com você tem mais três rapazes. Meio-dia almoço, 13h30 retorno. Na parte da tarde você vai ficar na horta. Quem manda na horta é o Tião; o que ele falar está falado, entendeu?”

“Continua o Sr. Rodrigues: das 15h às 16h reunião, leitura bíblica. Depois retorno ao trabalho até as 18h. 18h30 hora do banho, 19h o jantar vai ser servido e às 20h culto religioso até as 22h. Somente o domingo é livre.”

“Rodrigues apontou com o dedo um cercado com pedras pintadas em branco: ali é a área de fumantes. É extremamente proibido fumar em outro lugar. Está entendido? Não quero corpo mole nem discussões com os outros internos. Aqui eu sou o diretor. Os monitores são oito. O Jordan você já conheceu. O Caiado é aquele neguinho gordinho que está sentado na cadeira lá fora. O Alemão, o Papão e o Rogério você fica conhecendo depois.”

“Continua o Sr. Rodrigues: à noite ficam o Bolão, o Nenê e o Canibal. Depois você vai conhecer todos. Outra coisa, aqui a gente não separa ninguém. Tem os doidos, tem os mongoloides, tem os surdos e mudos, tem aleijado, tem veado, tem os esquizofrênicos.”

“Você aparentemente é normal”, falou sorrindo. “Vai trabalhar por todos estes que não conseguem e também ajudar a cuidar deles. Ligação só emergência, uma vez por

mês. Está combinado? Eu não gosto de falar duas vezes.”

“Fixei meu olhar para ele e disse: entendido, senhor.”

“O Sr. Rodrigues complementa: bom, já está quase na hora do almoço. Jordan, leva ele para almoçar com você.”

“Certo”, respondeu Jordan.

“Fomos lavar as mãos e Jordan fez minha apresentação ao grupo.”

“Este é o Zé Maria, podem chamá-lo de Zema. Ele é nosso novo parceiro. Palmas para ele.”

“Jordan me explicou: primeiro vamos dar comida para os doidos, depois para os esquizofrênicos, sempre em dois para dar comida. Senão eles jogam o prato de comida na sua cabeça.”

“O cardápio era arroz, feijão, salada e mandioca frita. Jordan pegou um doido pelo braço: vem aqui, vamos comer. Ele se debateu, mas se sentou, e eu fui dando comida na sua boca. Eu limpava a baba dele e dava colherada de comida. Terminamos com aquele, pegamos outro, a mesma coisa.”

“Depois pegamos um interno aleijado.”

“Jordan me disse: esse rapaz está sempre irritado, tem que tomar cuidado.”

“Jordan o abraçou e prendeu seus braços. O rapaz cuspiu a comida em cima de mim. Depois de muito custo, terminamos.”

“Jordan me disse: agora é a nossa vez de almoçar.”

“Eu lhe disse que estava sem fome.”

“Jordan sorriu e me disse: no começo é assim mesmo. Depois de dar comida para os irmãos, não dá vontade de comer, mas isso passa.”

“Para dizer que eu não comi nada, servi-me um pouco e engoli.”

“À tarde fui para a horta. O Tião mais xinga do que explica as tarefas. Depois veio o culto religioso e finalmente a tarde chegou.”

“Fomos para o banho. Jordan me chama: o banho é a mesma coisa. Um segura e o outro esfrega e depois enxuga. Leva-os para o quarto e os veste com suas roupas.”

“Alguns tomam banho e depois querem ir ao banheiro. Tem que ir junto. Depois dar banho de novo e enxugar.”

“Mais um, mais outro e depois foi a minha vez de tomar banho.”

“Jordan começou a dar risada. Perguntei: o que foi, Jordan?”

“Ele me respondeu: com tudo isso e você faz uma cara de feliz.”

“Comecei a dar risada com ele e falei: vou chorar?”

“Ainda não acabou nosso dia”, disse Jordan. “Jantar, tudo de novo, escovar os dentes e ir para o culto.”

“No culto todos se ajudam, é no coletivo, menos mal. Levamos todos para o quarto. Sobraram cinco internos.”

“Falei para Jordan: faltam cinco pacientes.”

“Jordan falou sorrindo: esses são seus.”

“Jordan: um é o Guilherme, único rapaz normal. Os outros quatro são doidos. Eles dormem na parte de baixo do beliche e nós na parte superior.”

“Todos se deitaram, tomaram os remédios. Chegou a minha vez. Boa noite, Jordan.”

“Jordan me cumprimentou: boa noite, Zema. E me falou baixinho: aqui à noite é tudo fechado. Cadeado nas janelas, portas com correntes e dois monitores de segurança nos corredores.”

“Agradei a Jordan pela ajuda e compreensão no primeiro dia. Ele sorriu e disse novamente: boa noite, Zema.”

“Sentei-me na cama e fiz minha oração para agradecer a Deus por mais um dia de vida. Deitei-me. Meu colchão era muito fino, o lençol estava com um cheiro de urina desgraçado, o cobertor era duro. Eu estava tão cansado que não vi nada, não senti mais nada. Desmaiei. Não sei por quanto tempo. De repente, uma gritaria.”

“Os monitores falando alto: seu filho da puta, vai cagar no banheiro e ainda jogou merda na

cabeça do outro. Não acredito, lamentava o monitor. Nosso quarto estava trancado por fora. Eu acordei assustado. Alguém estava abrindo a porta e chamou.”

“Quem é o Zema?”

“Eu respondi: sou eu. Levantei-me. Boa noite, falei.”

“Você começou hoje na clínica, é isso?”

“Sim, eu respondi.”

“ENOCH me disse: mantenha a calma, tudo isso vai passar.”

“Então dá uma ajuda. Recolhe estas roupas da cama toda cagada, pega o pano, rodo, balde e desinfetante e faz uma limpeza geral neste quarto. Vou dar banho nos dois.” E lá se foi o monitor xingando alto: caralho, você merece ficar do lado de fora no frio. Se você não

dormir, eu vou amarrar você no pé de manga, entendeu?”

“Limpei tudo. Ele me indicou o latão. Joguei lá as roupas de cama que estavam sujas.”

“O monitor se dirigiu a mim e disse: seja bem-vindo ao inferno. Prazer em conhecê-lo, eu sou o Nenê. Trabalho aqui há quatro anos. Você vai se acostumar.”

“Boa noite, Zema.” Eu respondi: boa noite, Nenê.”

“Dormi quase imediatamente. Eu estava bêbado de sono.”

“Mais um tempo, não sei quanto tempo. Alguém gritando no meu quarto: estou com fome, estou com fome, estou com fome.”

“O interno gritava e batia na porta de madeira com as duas mãos. Lá vem outro monitor. Ele abriu a porta e deu um tapa na cabeça do

doido e falou: vai dormir que amanhã cedo lhe dou um pão. Se você fizer barulho, não vai ganhar nada.”

“Oi, boa noite. Você é o Zema?”

“Eu disse: sim.”

“Prazer, eu sou o Bolão. Seja bem-vindo ao inferno.”

“Eu respondi: boa noite, Bolão.”

“Praticamente todos os dias eram iguais. Quando completou 45 dias que eu estava naquela clínica, finalmente meu anjo da guarda resolveu falar comigo.”

“Oi, Jose Duarte, sou eu, ENOCH. Eu sinto muito. Como eu te disse, já estava escrito, não dependia mais de mim. Daqui a três dias você vai embora daqui e vai direto para outra clínica. Lá eu recomendo, fique tranquilo.”

“Fiquei 48 dias nesta clínica. Emagreci. Só não passei fome porque eu comia mangas. Fiquei até mais sentimental. Pedia a Deus para ir embora de qualquer jeito. Tinha dias piores e outros horríveis. Até que um dia atenderam meu pedido. Minha cunhada, minha ex-mulher e minha filha foram me buscar.”

“No dia em que eu ia embora, fiz questão de dar um abraço em Jordan, rapaz de mais ou menos 28, 30 anos de idade, excelente caráter.”

“Eu lhe disse: Jordan, obrigado por tudo que fez por mim e tudo que você me ensinou.”

“Lamento você ir embora”, disse Jordan. “Agora que você já estava inteirado das obrigações.”

“Então, Jordan, preciso ir. Fique com Deus.”

“Eu entendo”, disse Jordan. “Foi aqui neste ambiente e diante de tudo que você viu que eu

fiquei livre das drogas. Só por hoje. Ficarei em recuperação por mais seis meses, depois vou levar uma vida normal. Estou noivo e pretendo me casar. Afinal, foi esta mulher que me aturou por todo este tempo.”

“Adeus, Jordan. Boa sorte em sua nova vida.”

“Os assuntos na secretaria foram resolvidos. Recolhemos as malas, entramos no carro e fomos para a nova clínica.”

“Me avisaram que tinham visto esta outra clínica para mim fazia alguns dias. Estavam aguardando vaga. A clínica fica em Campos do Jordão. Ela pertence à comunidade de Nossa Senhora de Achiropita.”

“ENOCH diz: você precisa descansar, cuidar da saúde e se equilibrar emocionalmente. Eu conheço esta clínica e ela é muito boa. Não perca esta oportunidade.”

“O dia estava bonito. Fizemos uma parada em uma estrada estreita que nos levava até Campos do Jordão. Tomamos café, comi um salgado e lá fomos nós. Paramos em Campos do Jordão para comprar algumas coisas, tipo cobertor, lençol e travesseiro. Passamos pela cidade e logo pegamos outra estradinha estreita. Ainda tinha asfalto. Depois de alguns quilômetros acabou o asfalto, uma estrada de terra misturada com pedrisco. Fui admirando a paisagem, os riachos. Só se ouvia o barulho do motor. Parecia que o tempo parou. Ar fresco e fino, sinal de pureza, muito oxigênio.”

“Chegamos. Paramos na frente de uma casa de madeira, muito bem cuidada. Lá era a secretaria e administração da clínica. Fomos recepcionados pelo Sr. Gilberto, o diretor, e um rapaz chamado Dalvan, monitor-chefe. Outros dois rapazes ajudaram a descarregar as malas e sacolas.”

“Preencheram os formulários, todos assinaram e recolheram meus documentos.”

“O monitor-chefe me chamou para mostrar o meu quarto. Era uma casa de alvenaria, acredito que a única de alvenaria da clínica, construção bem recente. Era um quarto grande com seis camas de solteiro, colchões novos e um banheiro grande, todo arrumado e limpo. No quarto tinha um móvel com cinco gavetas para eu guardar minhas roupas. O sapateiro, como todos chamam, fica na parede, de uso coletivo.”

“Dalvan convidou todos para conhecer a clínica. Disse que a maioria das árvores era araucária, aquela que produz pinhão. Uma bonita clínica, com casas de madeira. Explicou que as casas abrigavam no máximo oito pessoas. Um lago, campo de futebol, horta, oficina de artesanato e oficina de marcenaria,

ampla sala de TV com capacidade para até 50 internos, uma TV grande.”

“Fomos até a capela, sentamos e fizemos uma oração a Nossa Senhora de Achiropita. Enfim, percebia-se que era uma clínica bem organizada.”

“Depois das apresentações, voltamos para a secretaria da administração.”

“Dalvan explicou as normas e regulamentos da clínica: proibido celular, proibido fumar e não se admitem discussões entre os internos. Proibido manter guloseimas nos quartos; o que a família traz deve ficar na secretaria. Os horários são: 6h da manhã toca o sino para despertar; 6h30 oração; 7h café da manhã; 7h30 arrumação e faxina nos quartos; 8h toca o sino para início dos trabalhos; meio-dia almoço e retorno ao trabalho às 14h; 16h café da tarde; 18h encerram-se os trabalhos; 18h30 banho; 19h jantar; 20h reunião. Cada dia é um

tema: religiosidade, sentimentos, Alcoólicos Anônimos, Narcóticos Anônimos e conhecimentos bíblicos. Aos sábados, 9h café, 10h reunião dos 12 passos; sábado à tarde é livre. Aos domingos, 10h nossa participação na missa e o período da tarde é livre.”

“Feitas as apresentações, fomos convidados a almoçar em um grande salão, com mesas para 10 pessoas. Nossa mesa ficava próxima à janela. O Sr. Gilberto chegou em nossa mesa para almoçar conosco.”

“Dalvan explicou como é servida a comida: primeiro pega-se o prato e talheres; três pessoas lhe servem; depois pega-se o suco e retorna à mesa.”

“A comida estava muito boa.”

“O Sr. Gilberto disse: você vai gostar daqui, é questão de dar tempo ao tempo.”

“É chegada a hora dos acompanhantes irem embora. Ex-mulher, minhas filhas e cunhada me desejaram boa sorte e partiram.”

“ENOCH disse: fique tranquilo, eu estou aqui junto de você.”

“Fiquei três dias sem obrigações, fase de adaptação. Cumpria normalmente os horários de atividades; depois eu ficava conversando com o pessoal nos setores e fazendo amizades. Meus companheiros de quarto eram o Benedito, o coordenador do quarto, ele realizava a inspeção de higiene, cama arrumada e banheiro, além de chamar todos quando tocava o sino. Benê trabalhava na obra de mais uma casa para internos. Vinícius, João e Clayton trabalhavam na limpeza das áreas comuns; recolhiam também galhos, corte de grama e jardinagem. Douglas trabalhava na marcenaria.”

“Benê e Douglas se internaram por problemas com o álcool, e Vinícius, João e Clayton por problemas causados pela droga. A gente se dava muito bem. À noite, antes de deitar, fazíamos oração. Um lavava a roupa do outro; havia muita colaboração. Chegou o dia em que eu iria assumir o trabalho. Colocaram-me na oficina de artesanato. Como diziam os amigos de lá, pegou moleza. Lá aprendi a fazer tapetes, aqueles trabalhados em uma tela. A oficina de artesanato era um bom lugar de se ficar e trabalhar, principalmente na época do frio. Fiquei quase dois meses no artesanato. Nossa equipe era composta por oito pessoas, todos comprometidos e comportados.”

“Dentre a turma tinha um carioca surfista. Só falava do Rio de Janeiro. Para ele, o Rio era a cidade top mundial. Falava que morava na Tijuca, zona sul da cidade, mas todos tiravam onda com ele e diziam que ele morava na zona

sul, sim, mas na Rocinha, maior favela do país. Ele sorria e dizia que a Rocinha também era maravilhosa. Cada um defendia o seu estado ou território. Eu também defendia a cidade de São Paulo. Dizia com orgulho: moro na maior cidade da América Latina, São Paulo, onde tem de tudo. E eles também não me perdoavam; falavam que tinha de tudo: bandido, ladrão, traficante, cracolândia, mendigos e congestionamentos a perder de vista.”

“Basicamente, no artesanato fazíamos somente tapetes. Eles eram comercializados lá na clínica e também, em sua maioria, nas feirinhas da Igreja de Nossa Senhora de Achiropita em São Paulo.”

“A oficina de marcenaria também contribuía muito com os artigos vendidos: crucifixos em madeira, cruces em cordões para pendurar no pescoço personalizadas com nomes, jarros, carrinhos e casinhas em madeira.”

“O catolicismo prevalecia em nossas reuniões. Todas eram descontraídas e alegres, mesmo as noturnas, com um frio de 3, 4 graus. O violão contribuía para aumentar o som da voz e despertava o sono. Aos domingos, todos se arrumavam como se fossem ir a uma festa ou a um shopping. Era legal, e a missa era bastante festiva.”

“Aos domingos, todos os internos, na maioria das vezes, ficavam em seus quartos conversando. Quando a tarde estava indo embora, ficávamos vendo os pássaros e outros bichos se preparando para dormir. Muitos canários, tucanos, esquilos, macacos-prego, a família jacu, parece uma galinha, mas o jacu tem o rabo comprido, a mãe e seus três filhotes já crescidos. Praticamente toda tarde eles vinham passear perto do estábulo dos cavalos e, às vezes, aparecia tatu. Todos nós ficávamos em silêncio. Em toda a região da

Serra da Mantiqueira há proteção ambiental, proibido caçar, tombar árvores ou qualquer outro tipo de exploração da natureza. Após o show da natureza, todos nós íamos para a sala de televisão. Assistíamos, na maioria das vezes, filmes religiosos, uma regra da direção da clínica. Depois o jantar e voltávamos de novo para assistir ao Fantástico na TV Globo. Eu, pelo menos, assistia um pouco e ia para o quarto tomar banho e dormir, porque a agenda da semana era cheia.”

“Oi, sou eu, ENOCH. Fico muito satisfeito agora, parece que você está gostando desta clínica. Muito bom. Tchau. Deus nos proteja.”

“O tempo foi passando e eu resolvi mudar o meu cotidiano de trabalho. Resolvi pedir transferência para a horta. O diretor aceitou. Fui trabalhar na horta. Sempre gostei de plantar e cultivar hortas. Construí várias hortas pelo interior de São Paulo. É muito

gostoso. Anda bastante, vai até o pasto buscar esterco, mexe na terra, mistura esterco, planta sementes, cultivam-se mudas. É bem dinâmico.”

“Mas veio o frio e eu carregava esterco de vaca e de cavalo em um carrinho para lá e para cá, sempre sujo, aquele frio intenso. Fiquei com saudade do meu cantinho no artesanato. Não tem volta, mas a opção foi minha.”

“O tempo passou. Foram três meses e alguns dias na clínica. Eu queria ir embora. Depois de muitas argumentações com minha família, aceitaram e eu voltei para São Paulo.”

“Cheguei e fui atrás de um trabalho. Fiz nova assinatura no site da empresa de recolocação. Mandei currículo para todo lado. A esta altura eu estava com quatro currículos diferentes. Eu mandava de acordo com o cargo. Gerência administrativa e financeira, eu mandava o modelo 1. Contador, o modelo 2. Assistente, o

modelo 3. O modelo 4 era para qualquer cargo, controlador de acesso, porteiro etc. E nada.”

“Acredito que os entrevistadores percebiam que tinha algo errado. Em uma das entrevistas, o jovem entrevistador me disse: eu não posso contratar o senhor. Este currículo não reflete a sua formação. O senhor sabe que é muito maior que isto. Ele me agradeceu e eu fui embora cabisbaixo.”

“Então quem vem falar comigo? Ele mesmo. ENOCH entra em cena e me diz: esqueça o passado recente. As coisas vão melhorar. O mundo não vai acabar se você esperar um pouco. Algo de bom vai acontecer em sua vida. Tenha fé. Você já foi bem castigado. Não quero isso para você. Não se esqueça: as cicatrizes serão luzes amanhã.”

Em outubro de 2018, mudei-me da pensão da Praça da Árvore e fui morar em uma pensão na Vila Mariana, uma pensão mista, homens e

mulheres. Um quartinho pequeno, era a cama e uma pequena mesinha. O chuveiro ficava ao lado do quarto. No corredor havia alguns armários, eu os usava como guarda-roupa. A cozinha também era coletiva. As geladeiras eram divididas por prateleiras. O uso do fogão também era comum. Sala de estar, onde ficava a televisão, sofás grandes e confortáveis. O pessoal, na sua maioria estudantes, educados. Não tinha discussões, tudo na paz. Perto da pensão tinha um bar armazém, mercearia, mesa de bilhar. Eu fiz amizade com a proprietária, Sra. Iolanda. Seu filho, Oscar, tinha um boteco bem pertinho do bar armazém de sua mãe. Também ficamos amigos. Todas as manhãs eu me deslocava para a casa da minha ex-mulher para usar o computador, enviar currículos e acompanhar possíveis propostas de trabalho. À tarde eu passava na Dona Iolanda, uma portuguesa brava. Com o tempo, ganhei-lhe confiança. Ela

me pediu para ajudar no balcão, fechar o estabelecimento e até limpar os banheiros.

“Oi, sou eu, ENOCH. Eu não posso conceber que você venha trabalhar neste bar armazém. Isso aqui é um lixo, desde as instalações ao público que frequenta aqui. É de oitava categoria, a pior das espécies. Traficantes, usuários de drogas, ladrões e prostitutas. Sabia também que tem uma biqueira, local que trafica drogas, ao lado do bar armazém, bem embaixo do viaduto?”

“Resolvi ouvir meu anjo da guarda e fui me afastando aos poucos daquele lugar. Obrigado, meu anjo, valeu.”

“ENOCH disse: está aprendendo, Jose Duarte.”

“Parei de enviar currículo. Entrei novamente em um módulo de nuvem, manso, sem objetivos e sem motivação. Voltei devagar a consumir álcool. Me moderava, tinha medo,

me lembrava da clínica, me lembrava de quando eu falei: se eu beber de novo, o grande prejudicado serei eu mesmo, então a responsabilidade é minha. Pois é, a depressão foi me empurrando, não sei para onde. Bom lugar não era.”

“Conversando com um amigo que trabalhava como motorista de aplicativo, ele me disse muitas coisas boas e coisas ruins também do trabalho. Me motivei. Vou ser motorista de aplicativo. Tomei as providências quanto aos documentos e minha filha caçula me ajudou na locação de um veículo. Peguei um carro seminovo para trabalhar para esta empresa. O veículo tem que ter algumas especificações, como quatro portas, ar-condicionado e direção hidráulica.”

“Baixei o aplicativo no celular e fui para a rua. Eu confesso que gostei muito. Colocamos

balas e água em garrafinhas descartáveis no carro. Eu mantinha o carro sempre limpo.”

“Vida de motorista de aplicativo não é fácil. Nos dias que não era rodízio, eu começava a rodar lá pelas 5h. Parava às 10h, me alimentava de um sanduíche e seguia em minha atividade. Por muitas vezes eu me empolgava, esquecia do relógio. Quando percebia, era 23h, meia-noite.”

“ENOCH dizia: agora o melhor caminho é o de casa.”

“Às vezes eu ia até 3h da manhã. Alguns amigos que também trabalhavam como motorista de aplicativo me alertavam: cuidado, não vacile, é perigoso.”

“Até que aconteceu. Sofri uma tentativa de assalto por volta das 2h30 às 3h da manhã. Valente que sou, reagi na abordagem. Lembro-me que levei algumas pancadas nos ombros

com um pedaço de cano. Resultado: duas fraturas no ombro esquerdo e uma no ombro direito. Agradeço a Deus. De todos os males, o menor.”

“ENOCH disse: se proteja, Jose. Não foi por falta de aviso.”

“Esta foi a última viagem e acabou o sonho do motorista de aplicativo.”

“ENOCH disse: não vamos desanimar. Tem muita gente torcendo por você, inclusive eu, seus familiares e amigos. Sobre o ocorrido eu não tenho nada mais a falar.” ENOCH ficou bravo.

“Em setembro de 2018, fui morar em uma pensão na Praça da Árvore, ao lado do metrô. Era um quarto pequeno, onde ficava uma cama e um pequeno armário junto à parede. Geladeiras, fogão, máquina de lavar, tudo coletivo, inclusive o banheiro.”

“Olá, sou eu, ENOCH. Desde o primeiro momento que vi essa pensão eu não gostei. Não fique aqui.”

“Fiquei somente um mês. Os moradores, em sua maioria, eram legais. Fiz amizade com alguns. Muitos deles trabalhavam com informática, outros com moda e também em lojas de shopping, e dois trabalhavam como motoristas de aplicativo.”

“Os horários do pessoal eram todos variados. Tinha gente chegando de madrugada, gente saindo, gente lavando roupa e cozinhando na madrugada. Enfim, para dormir era complicado. Conviver daquela forma estava ficando muito difícil, então resolvi procurar outro lugar mais sossegado.”

“ENOCH: vamos mudar. Aqui não é lugar para você. Tem que ser mais tranquilo.”

“Em agosto de 2014 iniciei meu trabalho como contador em um escritório de contabilidade, empresa familiar de pequeno porte. Uma equipe boa, porém, sem muita experiência. Procurei fazer uma divisão dos trabalhos para não sobrecarregar ninguém. Trabalhava comigo o Baltazar, rapaz jovem e interessado em aprender sempre, comprometido com as obrigações. Morava na favela de Heliópolis, tinha dois filhos. Eu o admiro. Não tinha tempo ruim, estava sempre disposto a cooperar. Flávia era uma garota que cumpria suas obrigações. Parecia-me que estava sempre triste. Fazia as tarefas do cotidiano, mas sem muito interesse em progredir. Certo dia eu a chamei para conversar, saber como estavam seus estudos e suas expectativas para a vida.”

“Flávia me disse que tinha trancado a matrícula na faculdade de Ciências Contábeis porque o namorado estava em constantes

brigas com ela por causa da faculdade, excesso de ciúmes e insegurança no relacionamento dos dois.”

“Eu disse a ela que, para ser bastante sincero, este namorado não quer o seu bem. Largue ele e vá em busca de sua formação profissional.”

“Com o passar do tempo, Flávia mudou. Sorridente, voltou a estudar e era outra profissional dentro do escritório.”

Fiquei muito satisfeito e contente quando ela me chamou e agradeceu pelos meus conselhos, que lhe foram muito construtivos. Você mudou a minha vida, chefe.

“O Baltazar tinha feito o técnico de contabilidade e queria de toda forma ter seu registro no Conselho Regional de Contabilidade. O ano de 2017 era o último ano que o Conselho de São Paulo ia conceder registro para técnicos. Para obtê-lo, ele

precisava fazer a prova de avaliação no próprio Conselho.”

“Baltazar ficou no meu pé. Assim me prontifiquei em ajudá-lo. Era aula antes do trabalho, ele chegava mais cedo, na hora do almoço e à tarde depois do trabalho. Ele estudou bastante. Prestou a primeira vez e foi reprovado. Disse-lhe: não vamos desanimar. Intensificamos os estudos. Era a última prova. Fui à sua casa e ficamos sábado e domingo batalhando nos ensinamentos.”

“Falei para ele que o momento exigia calma, ler as questões, deixar as mais difíceis para o final e administrar o tempo de três horas.”

“Chegou o grande dia. Rezei por ele. Fiquei na torcida por ele.”

“Baltazar, quando terminou, me ligou: chefe, fiz tudo.”

“Eu disse a ele que ia dar tudo certo. Foi com grande satisfação que recebi a notícia: ele foi aprovado e hoje tem seu registro profissional no Conselho da categoria. Fiquei muito feliz por ele e disse-lhe que o maior vencedor foi ele. Eu simplesmente o ajudei, mas ele queria ser ajudado, se esforçou, e quando isso acontece o resultado não é diferente, é sucesso na certa. Parabéns, Baltazar e toda a sua família.”

“Foram quatro anos e três meses de trabalho. Apesar das dificuldades, eu fui um bom empregado e bom funcionário. Fui chamado para fazer um acordo e as consequências disso vocês já sabem nos relatos de agosto de 2018.”

“ENOCH diz: Sr. Jose Maria, vamos começar a mudar seus procedimentos e costumes. Vou me intrometer em sua vida. Sozinho o senhor não está conseguindo discernir o bom e o ruim, ambientes sublimes de ambientes sujos

e carregados de espíritos maléficos. O tempo está passando e hoje eu quero é fazer conta. O senhor tem que prestar conta de 22 mil dias de vida. Sete mil dias dormindo não contam, porque o tempo trabalhado consideramos o período integral. Então a prestação de contas é de 22 mil dias mesmo. Vamos, Sr. Jose, se mexa e vamos detalhar o tempo no período de 2020 a 2012.”

Prestação de Contas de ocupação do tempo em vida.

Trabalhando em empresas: 1.550 dias

Internado Clínica Sorocaba: 30 dias

Internado Clínica Campos do Jordão: 90 dias

Internado Clínica Itu: 425 dias

Total consumido: 2.095 dias

Total de dias de vida: 22.000 dias

Saldo de dias: 31/12/2011: 19.905 dias

“Ainda no ano de 2014, o meu sogro Waldemar Pietracatelli veio a falecer. Perdi um amigo,

companheiro de todas as horas, e o mundo perdeu um homem de grande caráter e índole.”

“A minha história não recomeça. Ela simplesmente dá continuidade naquilo que era bom para todos. Os tempos estão na história porque ela precisa de referência, mas a história em si, fora dos tempos ou do seu tempo, perde-se o conteúdo. Eu fui procurar a história no seu tempo, porém só com tempo para montar o quebra-cabeça da nova vida na terra da velha vida.”

“O meu tempo é o ano de 2021. A história não se dissolveu no tempo; o tempo é que absorveu a história.”

Plano de viagem: ano de saída: 2018

Destino: LINS – Lugar inserto não sabido

Plano de retorno: ano de chegada: 2021 –
março, dia 31

“Eu fiz alguns trocadilhos para que eu possa pensar. Quero a participação mais próxima de ENOCH nesta minha abordagem.”

“Pois não”, diz ENOCH.

“Quando eu digo que a minha história não recomeça agora, quero dizer que minha vida continua neste mesmo tempo. Algumas peças da minha vida embaralharam. Preciso dar sentido e transparência para que todos entendam. Eu me perdi no tempo quando iniciei, em 2018, uma viagem para o destino denominado LINS, lugar incerto não sabido. Hoje eu me reestruturo física e emocionalmente para cumprir meu plano de retorno no tempo certo, março de 2021. Creio que a minha história não se dissolveu neste tempo nebuloso da viagem. O tempo absorveu a minha história, me solidificando e fazendo-me entender meus procedimentos.”

“Com licença”, ENOCH pede a palavra. “Eu estava junto do senhor quando tomou o trem errado. Quanto ao seu destino, o senhor sabia para onde tinha que ir. Eu levantei a bandeira e o alertei: Jose, você tomou o trem errado. Vamos descer e corrigir o destino. Mas o senhor acreditou em um milagre. Sua esperança era de encontrar um destino maravilhoso, um paraíso, mas isso não aconteceu. Agora estamos voltando da viagem, sentados e centrados nos propósitos da vida nova. Achei sua estratégia de fixar data muito interessante. Isso mostra que a sua bússola está sob rigoroso controle. Para concluir, quero lhe dizer que o lado de horror da sua história já foi dissolvido neste tempo passado. Acabou. É passado. Não se fala e não se lembra mais disso. Agora é futuro. O senhor aprendeu com este tempo negativo e um novo tempo está chegando.”

“Atenção, luzes, ação, já.”

“Obrigado, ENOCH. Você foi brilhante nas suas colocações.”

“Naquele mês de outubro de 2014 eu aluguei uma casinha perto de minha mãe e me separei consensualmente de Vera Márcia.”

“Olá, sou eu, ENOCH. Em algumas decisões o anjo da guarda não tem controle, porque está escrito. O que o anjo pode fazer é intermediar, orientar o protegido. Agora, se o seu “EU” não der ouvido aos conselhos e orientações do anjo, ele não pode fazer nada.”

“No final, o anjo serve somente para consolar e enxugar as lágrimas, como acontece na maioria dos casos. O anjo chora junto. O que vocês vão ler é uma trajetória muito difícil, sofrida, mas com pontos românticos, de pureza e de vitória. Alguém que não quis fazer

mal para ninguém, simplesmente se perdeu nas curvas de sua vida.”

Beijo, ENOCH.

“outubro de 2014. Parece que a minha vida tinha entrado em um redemoinho com terremoto e tudo. Os caminhos de minha vida tomaram um rumo secreto e oculto. Parecia que não era eu. Naquele momento, sentia que forças profundas de transformação estavam agindo em mim. Procurei levantar a cabeça, elevar meu espírito aos céus e ter solidez no meu caminho. Isso poderia ajudar a mim e a todos que caminharam ao meu lado. Isso poderia me trazer o autoconhecimento.”

“Eu precisava da felicidade tão sonhada para traçar a minha história no livro da minha vida. Eu precisava entender do que minha alma realmente precisava. No entanto, o que me trouxe foi tristeza.”

“Tristeza esta que me deu clareza do que eu queria perto e dentro do meu coração.”

“A verdade é que meu caminho está em minhas mãos. Aconteceu essa decisão. No momento da minha separação conjugal, não era eu que estava decidindo, era uma força maior que aquele caminho que eu escolhi. Eu não sabia se aquele era realmente o meu caminho.”

“Caminhos de descobrimentos e revelações. Eu precisava decidir quem ficava no meu caminho. Isso não queria dizer que eu não amasse a minha família. Pelo contrário, eu amava muito, muito. Talvez por isso as coisas tomaram um caminho tão tortuoso, difícil e que me fez sofrer tanto.”

“Não posso reclamar. Essas minhas cicatrizes hoje se tornaram uma espécie de luz. Fico extremamente feliz em ver e sentir que o começar de novo para a minha família foi

muito bom. Vê-las felizes é a minha grande felicidade, é minha vitória, por que não dizer. Mesmo sabendo que minha viagem, nossa viagem, continua, mas ciente de que somente eu e o Poder Superior é que temos o poder de tornar o fardo mais leve. A vida continua.”

ENOCH: Gostei da reflexão. Parabéns, Jose.

“No período de 2013 a 2000 foi um período de tempo bom, excluindo alguns acontecimentos que fazem parte da vida, mas ainda não estamos espiritualmente educados o suficiente para entender que a morte não é o fim. Sentimos a ausência do corpo carnal. Em agosto de 2004 faleceu minha querida irmã Maria Aparecida, ainda jovem. Contaminou-se com um vírus hospitalar após uma cirurgia de sucesso e foi fatal. Deus com certeza reservou-lhe um bom lugar repleto de luz e bons fluidos espirituais. O outro falecimento foi de minha sogra Suzana Pietracatelli, em março de 2007,

descendente de alemães, brava e de poucas ideias vagas, mas uma boníssima pessoa. Não posso reclamar dela. As poucas vezes que surgiram algumas discussões entre nós, ela estava com a razão. Os erros eram meus e eu assumia perante ela. Mesmo assim eu ouvia o sermão. Esteja em bom lugar, minha querida sogra.”

“Profissionalmente realizei por um ano trabalhos temporários alternativos e por quase cinco anos prestei serviços como autônomo na função de contador auditor em uma metalúrgica em São Bernardo do Campo. A questão negativa deste período foi que eu não contribuí com o INSS. O dinheiro era curto. Hoje faz falta na contagem para a aposentadoria, mas avante.”

“Em 2005 eu prestei um concurso no IBGE e, no início do ano de 2006, me chamaram. Por dois anos trabalhei neste órgão no cargo de

analista financeiro do cartão corporativo do Governo Federal. Muito bom, bom salário, bom ambiente de trabalho. Uma pena que o contrato era temporário. O prazo máximo era dois anos, registrado com vínculo CLT. Valeu, e muito.”

ENOCH: Quer falar deste período de 2013 a 2000? O Sr. Jose Maria disse que este período foi um tempo bom. Para ele foi um ano de trabalhos alternativos muito difíceis, e os anos em que prestou serviços como autônomo na metalúrgica foram muito ruins. Era mal remunerado e tinha um patrão que, além de truculento, sem coração e miserável.

ENOCH: Os trabalhos autônomos realizados, em sua maioria, Jose não recebeu na sua totalidade. Ele fez um bom trabalho por seis meses, realizando leilão e inventariando equipamentos de uma empresa que ele já tinha trabalhado. Ali ele ganhou um bom

dinheiro, deu para amenizar a sua situação. Em outras empresas indicadas por amigos, realizou trabalhos de legalização de débitos tributários. Em sua maioria recebia pequenos honorários.

ENOCH: Jose merece meu respeito. Ele se oferecia para trabalhar em obras de construção e reformas. Nessas obras foi faxineiro, pintor corretivo e lixador.

ENOCH: Eu lhe acompanhei e chegamos a conversar bastante sobre estes trabalhos rústicos. Eu sofri junto. Não pude ajudar muito, pois as dificuldades eram conjunturais. Sei que você é um guerreiro e sua família reconhece esta grande virtude. Parabéns.

Prestação de Contas de ocupação do tempo em vida.

Saldo de dias: 31/12/2011: 19.905 dias

IBGE: 2 anos: 730 dias

Metalúrgica: 4,6 anos: 1.705 dias

Trabalhos alternativos: 3 anos: 1.095 dias

Saldo de dias: 31/12/2000: 16.375 dias

“No período de 2000 ao ano de 1990, esta década foi marcada por quatro fatos que transformaram minha vida, alguns para melhor, outros catastróficos. O primeiro foi de grande alegria para mim e minha família: Nasce nossa segunda filha, Júlia Maria. O segundo fato foram as minhas formações acadêmicas. Cursei a pós-graduação em Finanças e Marketing pela Faculdade de Economia de São Paulo da Fundação Álvares Penteado e, em outro curso, concluí também o bacharelado em Psicologia e Pedagogia pela Faculdade Campos Sales de São Paulo. O terceiro fato foi catastrófico profissionalmente falando. Troquei a empresa que me proporcionou crescimento profissional, financeiro e de um relacionamento fantástico

com a diretoria por outra empresa duvidosa, com grande dificuldade financeira. Tudo isso por ser um profissional indicado pela Volkswagen do Brasil. Eu não quis dizer não à multinacional alemã. Se arrependimento matasse, eu não estaria hoje aqui. Eu mesmo reconheço que este fato mexeu muito comigo e a minha fuga foi o álcool.”

“O quarto fato foi melancólico. Em 1995 fracturei o fêmur, o que me custou quase dois anos de inatividade. No final da minha recuperação da perna, fui convidado por um amigo jornalista a participar de um projeto que consistia em desenvolver um jornal para a região da Saúde, aqui na zona sul de São Paulo. O projeto começou bem. Não sobrava muito dinheiro, mas dava para pagar os custos e as demais contas. Depois enfrentamos dificuldades. O jornalista amigo foi embora e eu fiquei com a bomba nas mãos. Felizmente

não explodiu, mas perdi dinheiro que eu não tinha.”

“Para completar os momentos infelizes da década, recebemos a notícia de minha irmã, Marília Duarte, que estava desaparecida. Ela teve uma morte cruel, foi assassinada. Com tudo isso acontecendo, confesso que em muitos dias exagerei no álcool. Para amenizar o sofrimento com os tristes acontecimentos, logo no início de 1997 fui convidado por Jose Paulo de Menezes a assumir um cargo na Prefeitura do Município de Diadema, no mandato do saudoso Gilson Menezes, com boa remuneração e muito trabalho. Fiquei os quatro anos de mandato, me desligando no final do ano de 2000.”

“ENOCH: Imaginem um anjo da guarda triste e desanimado, o protegido perdido. Este triste anjo era eu. No decorrer desta década 2000/1991, em muitos momentos recorri ao

Supremo Poderoso, pedi forças e bênçãos para ajudar a amparar o meu protegido. Eu observava o Sr. Jose Maria. Ele não baixava a cabeça e nem se desanimava. Fazia uso da Bebida, mas ia para a batalha. Chegava notícia ruim, ele orava e seguia em frente. Em uma bela manhã eu o acompanhei para talvez ajudar em algo. Não havia muito o que fazer. Era somente mais uma boa ação do meu protegido. Ele estava alugando um ponto comercial para o cunhado Mário. No dia anterior foram até a imobiliária para assinar o contrato e pegar a chave do salão. Bem em frente à imobiliária, um carro atropelou um cachorro. Ele era amarelo, bem grande. Eu gosto muito de cachorro. Jose Maria e Mário também. Ajudaram o cachorro, levaram para a clínica veterinária próxima e lá o cachorro recebeu os tratamentos adequados e liberaram o animal. Mas eles não poderiam soltar o cachorro na rua. Ele estava enfaixado

e sonolento pelos remédios. Resolveram levá-lo para o salão para passar a noite, afinal já era final de tarde, e lá deixaram o cachorro dentro de uma caixa de papelão. Colocaram água e compraram ração para alimentá-lo. No dia seguinte, pela manhã, o meu protegido foi até o salão para ver como estava o cachorro. Chegando lá encontrou só o cunhado Mário e perguntou-lhe:

Jose: onde está o cachorro?

Mário respondeu: quando eu abri a porta de aço ele saiu correndo, subiu a rua em alta velocidade em direção à imobiliária.

Jose e Mário disseram: fizemos a nossa parte. O dono dele deve morar por perto. Boa sorte para o Amarelão.

Naquela manhã Mário fez um pedido para Jose Maria.

Mário: Meu ajudante ainda não chegou. Você me ajudaria a retirar uma máquina de lavar aqui perto?

Jose prontamente disse: vamos lá. E assim foram.

ENOCH: Eu fiquei observando o passar das horas. Jose já tinha arrumado um ótimo trabalho. Ele havia sido indicado para um cargo de confiança através de um amigo e o exame médico era às 15 horas em São Bernardo do Campo. Mas dava tempo de retirar a máquina e ir para casa tomar banho e se arrumar.

Os dois foram até o cliente. A máquina de lavar estava no segundo e último andar do pequeno prédio. No térreo funcionava uma lanchonete, no primeiro andar a residência e a área de serviço no segundo andar. A altura da calçada até a área de serviço era em torno de 12 metros. Para descer a máquina de lavar, iriam

descer por uma escada de madeira do lado externo do prédio.

Eles subiram. Eu, ENOCH, fiquei junto à mureta da área de serviço observando a avenida próxima. Eles começaram a descer. Eu ouvi um grande barulho. A escada externa desabou. Jose, Mário e a máquina desceram pelos ares nos quase 12 metros de altura. Num impulso eu estava junto ao seu corpo. Rosto sangrando, braço quebrado, queixo quebrado, fêmur quebrado, costelas quebradas. Enfim, só não morreu porque não era o dia. Várias pessoas ajudaram e levaram os dois para o hospital. Eu o acompanhei nos quase três meses de internação no hospital e claro fiquei junto em sua residência por mais de um ano e meio, até sua efetiva recuperação.

Após esses acontecimentos e muitas orações, ENOCH não conseguia entender o ocorrido. O meu protegido estava fazendo o bem, como

sempre fez. Está superando as dificuldades de sua vida, que não são poucas, e acontece um novo castigo. Ele estava com um belo trabalho arrumado, bom salário, bom cargo, indicado com todas as honras de confiança. Isso ele faz por merecer. Ele é honestíssimo e sincero profissionalmente falando.

ENOCH: Independentemente da sua dependência química eu assino por ele e com ele. Ele sinceramente não merece este ocorrido, como não merece propostas de negócios que o prejudicam e amigos que se dizem amigos. A partir disso descobri que ele é especial no contexto de vida carnal e espiritual. Ele precisa muito de mim e da proteção celestial. Avante, Jose Maria. Estamos juntos."

Prestação de Contas de ocupação do tempo em vida.

Saldo de dias: 31/12/2000: 16.375 dias

Prefeitura de Diadema: 4 anos: 1.460 dias

Sopave Veículos: 2,6 anos: 975 dias

Diretor do Jornal Daqui Saúde: 2 anos: 730 dias

Autônomo comerciante: 1 ano: 365 dias

Fratura do fêmur: 1,7 anos: 640 dias

Saldo de dias: 31/12/1990: 12.205 dias

“No período de 1990 ao ano 1980, esta década foi marcada por quase tudo de bom na minha vida. Conheci um amigo irmão na empresa em que eu trabalhava, Carlos Grola. Compramos juntos uma loja de calçados masculinos da linha Black. Fizemos sucesso. Na época eu e Vera Márcia éramos namorados. Ela contribuiu muito na loja. Eu e Grola continuamos nossos trabalhos na empresa. Nosso trabalho na loja era basicamente algumas horas à noite e aos sábados e domingos.

Me traz muita alegria lembrar que nesta década realizamos muitos passeios em toda a orla da Baixada Santista, principalmente na Praia Grande. Meu cunhado Mário e nosso amigo Gilberto lotavam a Kombi com membros de nossas famílias e os dias eram festivos e extremamente alegres. Praias e praias, bons tempos dos frangos com farofa.

Foram anos dourados, ascensão profissional muito rápida, gerente geral de boa empresa e professor universitário. Comprei minha casa residencial, comprei apartamento na praia e só andava de carro novo e confortável. Casei-me com Vera Márcia, nasceu minha primeira filha Ana Beatriz. Enfim, Deus me deu o paraíso em tão pouco tempo. Tudo bem que, para comprar minha residência, eu tive que me desfazer de alguns carros, outros bens e parte de minha reserva financeira, mas valeu

a pena. Minha família faz uso do imóvel até hoje. A mãe mora no imóvel. Enfim, é delas.

Oxalá eu tivesse outra década desta, mas a esperança é a última que morre. Eu não desisto. Estou sempre indo atrás, com equilíbrio e sem deixar o vício tomar conta da situação.

ENOCH: imaginem um anjo da guarda alegre, feliz e comemorando todo o sucesso de seu pupilo protegido. É tudo de bom. Ele fez por merecer tudo que conquistou. Agora cabe a mim rezar para fortalecê-lo. Outras conquistas virão. Ele merece.”

Prestação de Contas de ocupação do tempo em vida.

Saldo de dias: 31/12/1990: 12.205 dias

Savena Veículos: 6,7 anos: 2.465 dias

Lotus Óleos: 2 anos: 730 dias

Gráfica A Americana: 2,6 anos: 980 dias

Oftalmoclínica: 2 anos: 730 dias

Saldo de dias: 31/12/1980: 7.300 dias

“No período de 1980 a 1959 minha abordagem biográfica será familiar. Afinal, minha família é parte integrante de mim. Vocês vão concordar comigo. Pela nossa situação em Minas Gerais, meu pai foi um hábil e sábio estrategista. Embora muitas das minhas irmãs fossem menores de idade naquele momento, restava eu e mais duas que já poderiam começar a trabalhar de imediato e assim as coisas foram acontecendo e revigorando a vida até então quase moribunda.

No período de 1980 ao ano 1959, tudo era novidade para mim e minha família. Em 1969 meu pai chegou à maior cidade da América Latina. Foi morar em uma pensão no Bosque da Saúde, bairro da zona sul. Chegou e já conseguiu trabalho. Ele estava trabalhando na Viação Útil, empresa de transporte coletivo

urbano. Sua função era cobrador. Ele gostava da atividade. Meu pai estudou até o científico, equivalente ao ensino médio de hoje.

Meu pai gostava de escrever cartas. Ele escrevia para nós e dizia: me esperem que eu vou voltar e buscar todos. A expectativa era grande. A gente não via a hora do grande dia chegar.

Em 1971 meu pai retorna à nossa cidade. Ele voltou para acertar as contas do armazém e dar as instruções de como e quando seria a viagem da comitiva Pereira.

Ele estava mais gordinho e alegre. Ficou somente três dias. Era feriado prolongado em São Paulo e emendou com a sua folga semanal. Não podia estender seus dias na empresa. Ele pagou todas as contas e deixou um bom dinheiro com minha mãe.

Eu queria de todas as formas viajar com meu pai.

Ele dizia que não tinha dinheiro para a passagem.

Então eu tratei de fazer dinheiro. Pedi ajuda para meus primos. Vendemos todos os passarinhos com gaiola e tudo. Vendemos quase trinta porquinhos-da-índia com viveiro e tudo. Vendi minha caixa de engraxate com todos os apetrechos, engradados de garrafas vazias, um relógio e uma correntinha de ouro que minha avó havia me dado.

Meu pai era muito conhecido na cidade e muitos compraram as minhas coisas para ajudar mesmo. Não me lembro quanto apurei em dinheiro, mas meu pai me disse que dava para pagar a passagem e ainda sobrou para comer um lanche na viagem.

Tempos depois meu pai me contou que o dinheiro da minha passagem já estava separado, que ele fez aquelas provocações para eu me virar e vender as coisas que afinal de contas iam ficar para trás e sem serventia. Ele tinha razão. Obrigado, meu saudoso pai.

Olá, pessoal, sou eu, ENOCH. Quero fazer alguns comentários. Mesmo sendo o anjo da guarda do Sr. Jose Maria, eu também me emociono e tenho muitos sentimentos pelo meu pupilo protegido. Eu participei de todos esses momentos. A felicidade do menino Jose Maria e de seu pai João Batista era visível. A cada dia a felicidade aumentava mais e isso me contagiava. Eu procurava sempre cercá-los de brisas espirituais para protegê-los a cada dia. A felicidade predominava. A pessoa sem maldade nenhuma e ingênua em uma grande cidade fica muito vulnerável a maus olhados e invejas com energias negativas. Vejo muito

isto. Então compete a mim, como anjo da guarda, blindá-los. Eu vou acompanhar com vocês todos os fatos que aconteceram na trajetória desta bonita família.

Em 7 de setembro de 1971 eu, acompanhado de meu pai, pisei em solo paulista na estação rodoviária da Luz. Chegamos bem cedo, devia ser pouco para as 6 horas da manhã. Um frio que fazia tremer meus lábios. Eu não tinha roupa. Vim com chinelo de dedo, uma bermuda e camiseta. Uma garoa fina pairava no ar. Pegamos nossas poucas sacolas e capangas e seguimos para tomar o ônibus. Meus olhos estavam saltitantes. Eu não sabia para onde olhar. Muitas luzes nas lojas, carros, ônibus e gente indo e vindo de todos os lugares.

Tomamos o ônibus. Seu destino era o mesmo bairro que meu pai morava, Bosque da Saúde. Meu pai pegou uma camisa dele da sacola e

cobriu minhas costas. Fomos sentados. Não havia muita gente no ônibus. Depois de quase uma hora de viagem chegamos na pensão da portuguesa.

A pensão se localizava em um lugar alto e o vento era forte. Meu pai caminhou pensão adentro e chegou em um grande galpão com vários beliches enfileirados.

Meu pai, orgulhoso, me apresentou de forma coletiva: este é meu filho Zé Maria, o meu único filho homem na família. Todos me cumprimentaram. Seja bem-vindo, Zezito.

Tomamos um café com leite e comemos alguns pedaços de bolo que nos ofertaram. Estavam saborosos e eu estava com uma fome danada.

Já era início de 1972. Zelão era um bom baiano da pensão. Ele trabalhava nos Supermercados

Barateiro, era açougueiro. Me levou para fazer uma ficha para trabalhar de pacoteiro.

Eu fui aprovado e convocado para me apresentar no escritório dois dias depois com a carteira de trabalho, que eu não tinha, e duas fotos 3x4. No dia seguinte meu pai trocou seu horário de trabalho e fomos tirar a carteira. Deu tudo certo e comecei a trabalhar na maior felicidade do mundo.

Olá, sou eu, ENOCH. Carteira de trabalho em mãos, aqui começa a saga profissional do Sr. Jose Maria. Vocês vão perceber que ele é trabalhador, inteligente e também muito ligeiro na questão de ganhar um dinheiro em negociatas paralelas. Vamos nessa.

No mês de janeiro de 1973 meu pai alugou uma casa bem próxima. Cozinha, sala e um dormitório grande. O banheiro com chuveiro ficava do lado de fora, nos fundos. Era ajeitadinho.

Numa manhã de domingo meu pai me chamou para ir ao Mappin, uma loja de departamentos famosa na época. Lá ele comprou três beliches, cinco colchões de solteiro, cobertores, lençóis, travesseiros e um fogão. Logo na segunda-feira entregaram tudo. Montamos as camas e compramos um botijão de gás. Uma vizinha nos presenteou com uma mesa pequena e um sofá pequeno. A casa estava sendo montada e ficando cada vez mais bonita.

A vizinha, Sra. Jacira, que se tornou amiga da família por muitos anos, nos deu algumas panelas, frigideiras, talheres e vários copos de plástico e também dois colchões.

No início do mês de fevereiro de 1972 minha mãe chegou com a turma. Eu fui com meu pai na rodoviária ajudar. Elas chegaram num domingo. Eu e meu pai chegamos bem cedinho. Quando o ônibus parou na

plataforma, todas já estavam em pé, acenando para nós. Desceram sorridentes e felizes. Pela ordem eu contei: Izaltina Cândida, minha mãe, e as minhas irmãs Maria Jose, Maria Aparecida, Rita de Cássia, Rosa Maria, Marília Duarte e Maria da Conceição. Abraços e pedidos de bênçãos contemplavam aquele momento tão especial. Não tinha muitas malas. Afinal de contas minha mãe vendeu tudo que tinha para fazer dinheiro para pagar as passagens. Naquela manhã a temperatura estava bem agradável e não estava frio, somente garoando. Fomos para o ponto de ônibus e ele logo chegou. O ônibus estava vazio e todos se sentaram. Afinal era domingo. Minha mãe conversava comigo sobre a cidade e meu trabalho. Minhas irmãs espiavam as ruas e os quarteirões através da janela do ônibus. Cada rua e cada quarteirão era motivo para sorrir.

A comitiva Pereira chegou. A casa que estava vazia agora está cheia de alegria, felicidade e principalmente esperança em dias melhores.

Eu peguei minha mãe pelas mãos e disse a ela: ontem eu fiz uma compra no supermercado que trabalho. Conte para minha mãe o meu orgulho ao chegar com a compra e mostrar para meu pai. Minhas irmãs se sentaram para ouvir. Nas entregas que eu faço eu ganho muita caixinha, gorjetas, que em todos os meses superam meu salário. Eu já estava com um bom dinheiro e resolvi fazer surpresa para vocês com esta compra e com este dinheiro. Enrolei o bolo de notas e entreguei para minha mãe. Eu e meu pai nem mexemos na compra. Não deu tempo. A comitiva atacou a compra. Todo mundo queria ver o que eu tinha comprado. Meu pai só ficava observando.

ENOCH diz: Algo tão simples e tão rico em poesias e emoções. Parabéns, Jose. Te

agradeço por me propiciar um momento tão sublime. Anjo também se emociona.

Minha mãe me agradeceu e chorou. Eu disse a ela que doravante ninguém ia mais passar por necessidade.

As meninas estavam em festa. Veja, mãe, o que o Zé comprou. E começaram a abrir os pacotes e falar em voz alta: arroz, feijão, fubá, açúcar, carne seca, carnes em bife, linguiças, carnes salgadas para feijoada, latas de goiabada, queijos, café, leite em pó, pão de forma, bolachas, balas e muitos sachês de refresco de vários sabores, papel higiênico, detergente, sabão em pó e em pedra e sabonetes. Nossa, é muita coisa, disse minha mãe.

Meu pai chamou minha mãe para conhecer a grandiosa casa. Senti que ele estava orgulhoso de sua decisão de ter vindo para São Paulo.

Minha mãe e meu pai me agradeceram novamente pela compra e pelos aluguéis que eu estava ajudando a pagar.

Eu disse a eles: é por isso que eu queria vir com o senhor, pai, para te ajudar. A família é grande. Sozinho fica pesado para o senhor.

Meu pai sorriu, abriu duas cervejas, trouxe três copos e fez o brinde com minha mãe e eu. Bebemos e conversamos bastante naquela manhã.

Minha mãe disse: vou preparar o almoço para nós, Zé.

Eu, Jose, levei nossos copos de cerveja para a cozinha e ficamos conversando.

Enquanto isso, meu pai levou as meninas na quitanda para comprar verduras, legumes e frutas. Exageraram. Compraram muita coisa. A gente ainda não tinha geladeira.

Na outra semana meu pai fez surpresa para todos. Comprou uma geladeira. Alegria geral.

O tempo foi passando e as coisas se assentando. Minhas duas irmãs mais velhas começaram a trabalhar e o progresso foi chegando. Junto da casa onde morávamos tinha um quarto grande e uma cozinha. Eram cômodos separados dos nossos. Quando ficou vago, alugamos aquele espaço também e assim dividimos a turma e ficou mais confortável para todos. Como aumentou o espaço, minha mãe queria muito uma máquina de costura. Compramos uma no Mappin. Assim minha mãe começou a costurar para fora. Colocamos uma plaquinha no portão: costureira - todos os serviços. Não demorou muito e ela fez amizade com muitas pessoas. Naqueles espaços ficamos alguns anos.

Em 1975 eu concluí o ginásio na Escola Estadual Princesa Isabel, seria a conclusão da 5ª à 8ª série. Depois viria o colegial.

Após a conclusão do ginásio, meu pai me incentivou a mudar de trabalho. Afinal eu já estava com 15 anos e trabalhando na mesma função por mais de três anos. Para mim estava muito bom, afinal eu ganhava dois salários, um na carteira e outro nas caixinhas que eu ganhava. Mas meu pai tinha razão. Eu precisava me desenvolver profissionalmente.

No início do ano de 1976 eu consegui trabalho na empresa A Lusitana, na época empresa tradicional no ramo de mudanças residenciais e comerciais. Sua sede ficava na Praça da Liberdade, no centro da cidade. Meu cargo era office-boy. Logo na entrevista eu menti. Me perguntaram se eu conhecia bem a cidade de São Paulo. Eu disse que sim. Se eu dissesse que não, a vaga seria de outro. Mentira sadia.

ENOCH: Vou interferir rapidamente. Nunca aconselho a mentir. Sempre a verdade deve prevalecer. Mas neste caso é perdoável.

Minha mentira não perdurou muito. Rapidamente eu aprendi os caminhos para os quatro cantos da cidade. É bom explicar: de ônibus.

No ano de 1977 me matricularam no Colégio Olavo Bilac. Eu só assinei a matrícula. O diretor do colégio preparou tudo. Ele dizia: vamos cuidar bem do craque. O tradicional colégio particular da zona sul de São Paulo investia muito nas modalidades de esporte, futebol, basquete, voleibol. A matrícula foi para o curso de técnico em contabilidade. Eu ganhei uma bolsa de 90%. Me explicaram que não poderia ser 100% porque senão a bolsa se transformava em salário. Em contrapartida eu precisava jogar futebol de campo para o time do colégio nos finais de semana. Me viram

jogando pela seleção do Supermercado Barateiro e me indicaram para o colégio.

Em 1976 meu trabalho na Lusitana estava indo muito bem. Naquele mesmo ano fui promovido a auxiliar de escritório e no início de 1977 fui promovido e transferido para o departamento de contabilidade. Meu novo cargo era de auxiliar de contabilidade III. O trabalho era muito bom. Eu aliava meu aprendizado no curso de técnico em contabilidade com o cotidiano do meu trabalho. O ambiente era sensacional. Meu chefe, Sr. Milton Berle, me incentivava muito e me colocava nos trilhos da contabilidade. Ele era casado já há alguns anos e não tinha filhos. Então ele falava que eu era filho dele. Eu gostava. Quando me chamava ele dizia: meu filho, vem aqui. Eu tinha dois pais. Meu salário também era bom. Eu não tinha o que reclamar.

Após o ano de 1976 eu fui aprendendo as malandragens de cidade grande. Aprendi com a turma do trabalho a ganhar dinheiro como cambista de passagem de ônibus para a Baixada Santista e ingressos de estádio de futebol, sempre em dois. Meu parceiro era o Donizete. Ele era de estatura alta, muito calmo e tranquilo. Sempre as melhores transações com passagem de ônibus para as praias santistas aconteciam nos finais de semana prolongados. Foram várias operações e, em uma delas, quase deu tudo errado e ficou marcado em minha vida. Vejam como foi.

Eu e Donizete trabalhávamos próximos no bairro da Liberdade. Naquela época os ônibus para a Baixada Santista saíam da Rodoviária do Glicério: Santos, São Vicente, Guarujá, Praia Grande, Itanhaém, Suarão, Peruíbe. Em época de carnaval e fim de ano eram datas para grandes negócios. A demanda era alta e

poucos ônibus. Assim eu e Donizete comprávamos quase todo o salário em passagens para a praia e íamos cambiar na Baixada do Glicério.

Os lucros eram altos. Por exemplo, se a gente pagava 10 na passagem, vendia por 25. Tinha que ser no mínimo o dobro, 100% de lucro.

Determinado dia um senhor com a esposa queria ir para São Vicente. Eu tinha duas passagens para Praia Grande, que passava em São Vicente. O senhor se interessou, mas achou muito caro. Como já era perto das 23 horas, as passagens eram para 23h45 e os últimos ônibus saíam até meia-noite. A gente segurava até o último momento para vender. Pedia até o triplo do preço.

Aquele senhor disse que ia comprar. Pediu que eu aguardasse que ele voltaria. Ele foi até a polícia. Dois policiais me conduziram até o

juizado de menores. O Donizete ficou de longe olhando e preocupado com a minha situação.

Eu expliquei ao Delegado juizado de menores, que eu trabalhava de carteira assinada. Meus documentos já estavam em sua posse. Eu disse ao delegado: nós compramos as passagens para revender e ganhar um dinheirinho a mais para ajudar nossa família. E tudo isso era verdade.

Enfim, eu estava preocupado com o tempo. Já passava das 23 horas. Eu percebi que o delegado queria mesmo era ir embora.

O delegado perguntou para o senhor: quanto o senhor quer pagar pela passagem?

O senhor disse: eu pago o preço da tabela. O delegado não sabia o que fazer e fez uma cara de desprezo para aquele senhor.

Eu perguntei para o delegado: doutor, o senhor acha justa esta proposta?

O delegado coçou a cabeça. Eu percebi que tudo aquilo poderia acabar mal para o meu lado. Ele poderia muito bem me levar para a FEBEM, chamar meu pai e deixar para resolver no dia seguinte.

Rapidamente resolvi dar um basta na conversa. Então eu disse: doutor delegado, eu vou vender para ele. Vamos lá fora, senhor. O delegado suspirou aliviado e disse: tudo bem, assim fica resolvido.

Saímos da sala. O delegado disse boa noite e um policial fechou a porta.

Pedi para o senhor interessado na compra da passagem aguardar que eu ia ao banheiro. O Donizete veio ao meu encontro. Fomos até a frente da bilheteria. Foi só falar e vender todas as passagens. Não sobrou nenhuma, inclusive aquelas reservadas para aquele senhor muquirana.

Pensei comigo: agora é minha vez. O relógio marcava 23h40. O senhor estava abraçadinho com a esposa e, quando me viu, acenou me chamando.

Ele me disse: o dinheiro está aqui. Vou te dar mais uns trocados para te ajudar. Onde estão as passagens?

Eu respondi: senhor, com todo respeito, São Vicente é perto. Vai a pé. Amanhã cedo o senhor chega lá.

Ele gritou: polícia, peguem aquele rapaz. Ele me enganou.

Saímos correndo pela Rua dos Estudantes e fomos parar só na Rua Galvão Bueno, na Liberdade. Corremos por brincadeira. Não havia grandes motivos para nos prender. Não roubamos ninguém. Pelo contrário, fizemos o bem, proporcionamos passeios e alegrias. Tomamos três cervejas e depois fomos para

casa. Afinal de contas o meu último ônibus passava por ali mais ou menos 1h30 da manhã.

“Esta passagem de minha vida eu nunca vou esquecer.”

“Na época, esta mesma transação a gente fazia com bilhetes nos estádios, somente em clássicos, Corinthians x Palmeiras, Santos x São Paulo, Corinthians x São Paulo, São Paulo x Palmeiras. A gente otimizava os negócios, comercializava também camisas e bandeiras dos times. Fazíamos as compras na 25 de Março. Para o transporte compramos dois carrinhos tipo aqueles de feira, só que abertos. Assim a gente complementava nossos rendimentos e ajudava nossas famílias.”

“Olá, eu de novo, ENOCH: Poucos instantes atrás eu disse que o meu pupilo protegido, além de trabalhador e estudioso, era esperto e ligeiro nas opções de negócios que a cidade

oferecia. Não sei dizer se era certo ou errado, mas esta atividade não prejudicava ninguém. Eu fico sabendo antecipadamente, ele vai concluir o Técnico de Contabilidade, vai ser promovido na empresa e agora vai lutar para entrar na faculdade. Ele vai conseguir. Seu objetivo é entrar para cursar Ciências Contábeis. Ele terá muitas dificuldades pela frente, mas vai superá-las. Eu estarei ao seu lado. Força, Jose.”

“Chegamos no ano de 1978. Concluí o Técnico de Contabilidade no Colégio Olavo Bilac, mas continuei jogando no time por um período. Assumi novo cargo na empresa, fui promovido a Assistente Contábil. Fui fazer cursinho, cursei o MED. Para entrar na faculdade naquela época a disputa era acirradíssima, mesmo nas faculdades particulares. Com isso tive que interromper as atividades paralelas. Com um bom domínio das normas e princípios

contábeis, considero efetivamente o ano de 1978 como início de minha saga profissional, vitoriosa ou não, continuo na luta.”

“A minha família continuava prosperando. Meu pai trocou de empresa, foi trabalhar em uma faculdade como segurança e monitor de alunos. Estava muito contente. Minha mãe, com suas intermináveis costuras, seguia feliz a sua vida. Mudamos para uma casa maior. Somente duas irmãs ainda não estavam trabalhando, mas todas estudando. Acredito que o sonho de São Paulo finalmente virou realidade. Poucas lembranças e pouco se falava da terra natal. A bonança venceu os limites inaceitáveis de miséria.”

“Fiz cursinho, estudei muito e ingressei nas Faculdades Associadas do Ipiranga no curso de Ciências Contábeis. Tive nova promoção na empresa, passei a exercer o cargo de Subcontador. Recebia constante apoio do meu

novo chefe e contador, saudoso Hércio Penna. Paralelamente abri um pequeno escritório de contabilidade. Eu só cuidava dos autônomos caminhoneiros da Lusitana, que não eram poucos. Com o avanço dos anos na faculdade, os trabalhos e atividades aumentaram e eu não estava conseguindo manter o atendimento dos clientes do escritório. Então eu não tive outra alternativa, vendi o escritório, ou melhor, os clientes. Após muita labuta, em 1982 concluí o curso superior em Ciências Contábeis.”

“ENOCH: imaginem um anjo da guarda alegre e feliz. A família de meu pupilo protegido chegou em São Paulo. Tudo bem que o esteio e mentor da construção da nova vida foi o Sr. João Batista, pai do Sr. Jose Maria, mas eu percebi que, a partir do primeiro emprego, meu pupilo protegido, mesmo no consumo moderado do álcool, assumiu a tarja de

capitão e liderou os movimentos para a vitória. As irmãs progrediram e principalmente as necessidades básicas foram supridas. Não se morava em um palacete e não se comia grandes banquetes, mas morava-se com dignidade, alimentava-se bem e suficiente para viver satisfatoriamente feliz.”

“ENOCH diz: eu tiro o meu chapéu para o Sr. Jose Maria. Meus parabéns.”

Prestação de Contas de ocupação do tempo em vida.

Saldo de dias: 31/12/1980: 7.300 dias

A Lusitana: 6 anos: 2.190 dias

Supermercado Barateiro: 2 anos: 730 dias

Saldo de dias: 31/12/1970: 4.380 dias

“No período de 1970 ao ano 1959, esta década foi marcada por outra realidade. Naquele pequeno universo em minha cidade natal vivemos um verdadeiro teste de sobrevivência

para as guerreiras da família Pereira e um pequeno guerreiro.”

“No ano de 1970 me matriculei para o 1º ano do curso ginásial no melhor colégio da cidade, Colégio Francisco Campos.”

“No ano de 1971 não cheguei a cursar de forma adequada o 2º ano. A expectativa de vir para São Paulo e o contexto psicológico de toda aquela situação me apavoravam. Meu tempo era preenchido engraxando sapatos e com a pesca, na esperança de trazer alguma coisa para comer em casa, achar alguma abóbora no meio do mato e buscar lenha para a fonalha.”

“No ano de 1969 o maestro da família Pereira, Sr. João Batista Pereira, se rendeu após antever as condições sub-humanas de vida que sua família iria passar na cidade de Dores do Indaiá se não tomasse uma providência urgente, urgentíssima. Foi com bravura e maestria que o patriarca partiu para São Paulo

na busca por sobrevivência, qualidade de vida e formação de sua família.”

“Ainda no ano de 1969 eu concluí o até então chamado ensino primário. Minha formatura foi no Grupo Escolar Dr. Zacharias, uma boa escola localizada bem no centro da cidade, em frente à Igreja Matriz. A escola era famosa por disciplinar alunos rebeldes vindos de outras escolas. Acredito que foi o meu caso. Nesta escola eu cursei os dois últimos anos, a 3ª e 4ª séries. Lembro-me que várias vezes minha mãe foi convocada pela diretora da escola por causa da minha indisciplina.”

“No ano de 1968, após fechar o bar no bairro Buracão, meu pai alugou a última e pior casa que moramos em Dores do Indaiá. Não tinha banheiro, era privada do lado de fora. Não tinha água encanada, era cisterna e banho era de bacia. A gente não tinha mais o velho fogão a carvão. Cozinhava-se na fonalha com lenha

do mato. Tinha que buscar lenha quase todos os dias. Acredito que foi naqueles momentos que meu pai anteviu que algo precisava ser feito urgentemente. A economia era de guerra e o sofrimento silencioso.”

“Como válvula de escape, meu pai, que tinha crédito em toda a cidade pela sua postura e honestidade, deixou aberta uma conta no armazém do Sato para minha mãe comprar o que precisasse. Lembro que ele entregou para minha mãe a caderneta do armazém do Sato, mas minha mãe só comprava mesmo o essencial: arroz, feijão, fubá, café e açúcar, muito pouco, óleo e macarrão de vez em quando.”

“Nos anos de 1968 e 1969 minha querida mãe foi lavadeira de roupa. Após 1970, todo mês meu pai mandava dinheiro para minha mãe. A vinda para São Paulo começou a dar seus frutos, mas nos anos de 68 e 69 era com o

dinheiro da minha mãe que sobrevivíamos. Isso me fez um ser humano melhor, filho de uma lavadeira. Isso também me fortalece e me ajuda a passar pela vida como filho de lavadeira. Foi lavando roupa para fora que ela colocava a comida em nossa mesa. Foi observando ela que eu aprendi a segurar o pedaço da camisa com as duas mãos, os punhos fechados, para, num movimento de vai e vem, esfregar o pano em cima do polegar. Lembro-me de minha mãe cantarolando com as outras lavadeiras.”

“Aprendi também que, ao colocar as roupas para quarar, não podia deixá-las estorricar, erro grave. Quando as roupas estavam quarando, jogava-se água de sabão, jogando de forma bem espalhada. As roupas quaravam até mais ou menos o meio-dia. Depois do almoço chegava a hora de enxaguar. Aprendi também a saber como o sabão das roupas já

tinha saído totalmente. Pegava-se uma ponta da roupa e chupava. Se tivesse sabão você sentia na boca. Vida de lavadeira não era fácil, já que era preciso pegar a roupa na porta do cliente, levar para a caixa d'água coletiva e natural, lavar, engomar, passar e entregar tudo limpo, esticadinho e cheiroso de volta para o freguês, tudo isso sem máquina de lavar e ferro elétrico.”

“A freguesia da minha mãe eram todas suas amigas de quando era solteira. Seu pai, meu avô materno, era o conceituado Sr. Antônio Isaías, fazendeiro tradicional da região, tinha vários empregados. Depois minha mãe se tornou a lavadeira de suas amigas da sociedade bem-posicionada dos anos em que passeavam na praça principal da cidade ou subiam nos palanques das grandes festas da região sob os olhares curiosos do povo paupérrimo da época.”

“Sobre o assunto já ouvi minha mãe dizer: hoje eu lavo roupa para elas com muita dignidade e orgulho.”

“Eu digo: seu filho, minha mãe, também com muito orgulho assina embaixo do nome da lavadeira Izaltina Cândida.”

“Eu não tenho informações da história do meu avô. O que efetivamente aconteceu, eu não sei, e sempre percebi que minha mãe não gostava de falar do assunto. Enfim, coisas da vida. Talvez fosse importante para nós estudarmos nosso passado, para entender o presente e projetar um futuro mais promissor. Hoje só posso dizer uma coisa: quando o leite derrama, não tem mais jeito. É força, fé e trabalho.”

“Em 1967 e 1968, às segundas e terças-feiras no período da tarde eu ajudava minha mãe na coleta de lenha e às vezes ia pescar. No período da tarde de quarta a sexta-feira e aos

sábados e domingos eu engraxava na Praça Abaeté, em Dores do Indaiá. Eu ganhava um dinheirinho. Às vezes comprava carne e levava para casa, outras vezes levava o dinheiro e entregava para minha mãe.”

“Em 1967 meu pai estruturou um bar em frente à rodoviária. Ficou bonito. O ponto era alugado e não pagava muito barato, não. Ele alugou duas mesas grandes de sinuca. Nos fundos tinha alguns reservados para a turma jogar truco e beber cerveja. Quando eu não ia engraxar, ficava com meu pai no balcão.”

“Em 1967 meu pai foi a Belo Horizonte e comprou uma máquina de fazer sorvete, aquelas verticais com os vidros das essências na parte superior. Ele a instalou na Praça da Matriz, fez uma barraca tipo banca de jornal. Ficou bom e começamos a vender sorvete. Fez sucesso. Eu e minha irmã mais velha cuidávamos da sorveteria.”

“Não sei o que aconteceu, mas o bar em frente à rodoviária não deu certo e mudamos de novo para um bairro chamado Buracão, do outro lado da cidade. Montou outro bar. O ponto não era dos melhores. Colocou lá uma mesa grande de sinuca. A nossa moradia era nos fundos do bar. Lembro-me que à noite o pessoal ia jogar truco e eu servia as cervejas. Quando iam embora, geralmente sobravam restos de cerveja nas garrafas. Eu aproveitava, virava o bico das garrafas e bebia tudo.”

“Ainda em 1967 eu e meu pai fomos vender sorvete em uma festa de uma cidade próxima chamada Quartel Geral. Vendemos muito sorvete. Copinhos e essências acabaram. Meu pai teve uma proposta para vender a máquina de sorvete e no rolo entrou um caminhão Mercedes-Benz, aquele modelo jacaré. Voltamos de caminhão. Sua ideia era fazer transporte. Analisando hoje, vejo que na época

o desespero pegou meu pai. Passou a comercializar fumo de rolo. Vendeu bastante. Eu era encarregado de entregar e receber. Acho que ele levou alguns calotes nos fiados da vida.”

“Para complicar um pouco mais, minha avó paterna, mãe de meu pai, Sra. Joana de Castro, veio a falecer. Meu pai era muito apegado à sua mãe. Ele se refugiou de novo na bebida por um período. Após o período de bebedeira, meu pai vendeu o que sobrou do bar e o caminhão.”

“Naquele ano de 1968 meu pai alugou outra casa. O desespero do patriarca deixou de ser aparente e tornou-se visível.”

“Em 1966 faleceu minha irmã Marisa Duarte Pereira aos cinco anos de idade. A causa da morte foi tétano no dedinho que foi amassado em uma cadeira de madeira sanfonada. Meu pai sentiu muito. Ficou um bom tempo

bebendo e desiludido da vida. Ela era muito apegada a ele, mas o tempo é o bálsamo e, com o passar dos dias, ele foi se conformando com o procedimento de Deus.”

“Em 1964, para a tristeza da família, minha irmã recém-nascida Margarida Duarte Pereira contraiu meningite e veio a falecer. Naquela época não tinha vacina. Um anjinho que passou por nós somente para abençoar nossas vidas.”

“Em meados de 1962/1963 meu pai era proprietário de um bar, restaurante, armazém e hotel em um local próximo a Dores do Indaiá chamado Vale do Caixão. Ficava em uma encruzilhada. O nome é diferente por causa de um fato ocorrido no local que não vem ao caso agora. Acredito que o imóvel já foi construído com o propósito de restaurante e hotel. Tinha 23 quartos. Próximo aos quartos devia ter uns oito ou mais banheiros. A sala de jantar,

juntamente com a mesa, era enorme. A água era puxada por uma bomba d'água de um poço natural, tipo uma grande mina d'água. A cozinha não podia ser diferente, grande. Não tinha fogão industrial, não. Era uma grande fornalha com grade dupla para as panelas. Embaixo da grande fornalha ficava o local para armazenar a lenha que meu pai comprava em grande quantidade. Geladeira na cozinha não tinha, só tinha a do bar, muito boa, refrigeração à base de salmoura. Na emergência minha mãe usava. Os alimentos ficavam em um recinto bem arejado e fresquinho, com estrado de madeira no piso e prateleiras também de madeira. Meu pai fez um reboco especial para manter a temperatura mais baixa possível. Mesmo assim a revista na qualidade dos alimentos sempre era feita diariamente por Mané Preto e Osmar, funcionários de confiança de meu pai. As carnes frescas eram entregues pelo

matadouro diariamente. Os frangos eram abatidos todos os dias pela manhã. Meu pai sempre foi muito exigente com higiene e limpeza, a começar por ele próprio. Estava sempre limpinho e bem arrumado, coisas de suas vaidades.”

“As responsáveis pela cozinha eram minha mãe e Clarice, uma solteirona sorridente que morava e trabalhava lá com a gente. Lembro-me que as coisas eram muito corridas, mas tinha que sobrar tempo para olhar as crianças que ficavam em um cercado no canto da cozinha. Dentro do cercado minha mãe colocava os responsáveis pela diversão e entretenimento: um filhote de cabra, a galinha Cocota, o cachorro Vulcão, dois gatos e geralmente um ou dois porquinhos bebês. Era diversão na certa e claro alguns petiscos para os bichos e para as crianças.”

“No balcão do bar e do armazém ficava o Sr. Godofredo. Meu pai ajudava, mas tinha a missão de recepcionar os caminhoneiros que chegavam para tomar banho, se alimentar e até dormir nos quartos do hotel.”

“No lado externo, próximo ao estacionamento dos caminhões, meu pai construiu uma área para banho dos caminhoneiros e outra área para pendurar as redes para descanso e também para dormir em noites quentes. Não sei explicar como e quando meu pai chegou no Vale do Caixão. Este local ficava a 20 km, mais ou menos, de Dores do Indaiá e tinha uma escola municipal bem próxima.”

“Ali meu pai mantinha também negociatas com animais: porcos, cabras, galinhas e patos. Pelo que me lembro, meu pai ficou vários anos naquele ponto comercial. O local era bem movimentado. Ficava à beira de uma estrada que ligava Minas Gerais ao estado de Goiás. A

estrada não era asfaltada, era à base de terra e pedregulho, mas mesmo sem uma infraestrutura o local virou ponto de parada dos caminhoneiros.”

“Pelo que me consta, meu pai bebia todos os dias à noite com os rapazes e também com a Clarice. Eu ficava junto com meu pai, afinal de contas eu já tinha cinco para seis anos de idade. Geralmente, após fechar o bar à meia-noite, bebiam, conversavam e davam boas gargalhadas.”

“Como a vida toma uns rumos que geralmente não são aqueles que esperamos, a nova rodovia federal que ligava Minas Gerais e Goiás ficou pronta. Assim os caminhoneiros, claro, deram preferência para a nova estrada, asfaltada e com infraestrutura de segurança, e o Vale do Caixão ficou à mercê das poucas pessoas que usavam as duas linhas de ônibus para Dolores do Indaiá e Belo Horizonte.”

“Assim, em meados do ano de 1966, o Vale do Caixão ficou praticamente às moscas. Eu já tinha quase sete anos. Meu pai vendeu tudo que pôde e levou o bar para a cidade de Dores do Indaiá e nós também mudamos.”

“Certa vez meu pai me disse que o Vale do Caixão foi o lugar que ele mais ganhou dinheiro. Pelo movimento que tinha eu acredito. Mas para onde foi este dinheiro? Para pagar as contas? Talvez ele estivesse endividado.”

“No iluminado ano de 1959, dia 7 de maio, eu nasci para o mundo. Senti naquele momento o abraço e o beijo do ENOCH, o consagrado, que me recebeu de braços abertos, fez uma oração na recepção e recebi as bênçãos do Supremo Deus.”

“ENOCH: Sr. Jose Maria, aqui é o nosso enigma. Você não nasceu, você renasceu. Ninguém nasce duas vezes e o período de sua vida vai

ser de 1959 em direção ao passado, 1958, 1957 e assim por diante, porque em direção ao futuro, 1959, 1960, 1961, não é mais possível. Você já viveu estes anos e depois de 2021, 2022 e 2023 também não é possível, porque o tempo não chegou e não conseguimos e não temos poder para saltar de 1959 a 2020 pura e simplesmente e seguir o fluxo normal de sua vida. Quando o senhor escolheu este critério, eu lhe avisei deste obstáculo.”

“ENOCH: eu costumo dizer que o tempo é vida. Os anos são as referências do tempo. O tempo não precisa das referências. De qualquer forma ele passa. Já as referências precisam do tempo. A melhor coisa é viver a vida no seu tempo. Se não for possível, tenha tempo para viver a vida. Entendeu tudo, meu amado pupilo protegido.”

“ENOCH: Senhor Jose Maria, não fique triste. Não importa para onde o vento sopra, o

importante é que ele sobre. Assim é a vida.
AVANTE!”

“ENOCH: Mesmo sendo seu anjo da guarda, eu não coloquei impedimentos porque a vida é sua. A grande lição que o senhor deve tirar e levar consigo de tudo isso é que o melhor da vida é viver de forma intensa cada dia, sempre para frente e em frente, solidificando sua sabedoria, tornando sua vida leve e sublime. Fala-se popularmente: a vida é um dia atrás do outro. Viver um dia atrás do outro? Isso traz muita infelicidade e insatisfação com a vida e nos faz muito mal. Não seria melhor viver um dia após o outro? Não saber viver um dia após o outro nos leva ao desespero. Essas são as minhas ponderações para o meu pupilo protegido.”

“ENOCH diz sorridente para minha mãe e meu pai: o presente dele é o mundo. Conquiste-o, Jose Maria. Deus esteja convosco!”

“ENOCH: Imaginem um anjo da guarda alegre, feliz e comemorando todo o sucesso de seu pupilo protegido. Ele conseguiu comprovar todos os lugares em que ficaram seus 22 mil dias de vida. Eles não somente passaram por sua vida, eles foram vividos intensamente. Resta-nos medir a satisfação e qualidade, independentemente dos atos e fatos. Meus parabéns!”

Primeira e última Prestação de Contas de ocupação do tempo em vida.

Saldo de dias: 31/12/1970: 4.380 dias

Infância e trabalhos juvenis: 4.380 dias

Saldo de dias: 07/05/1959: 0.000 dias

“ENOCH: Senhor Jose Maria, pelo amor de Deus, aconteceu o que eu possivelmente previa. Os cronometristas do Poder Superior perceberam nosso caminho inverso da sua biografia. Isso no céu é considerado “gato”, como também se fala aqui na terra quando se

dá um jeitinho para dar certo as coisas, e isto pode lhe custar a sua vida. Veja, o cronômetro de pós vida já está ligado. Para eles você acabou de morrer em 7 de maio de 1959, às 23h45min17s. Precisamos procurar uma igreja, mas não dá tempo. Precisamos pelo menos mais três pessoas para fazer a oração da ressuscitação.”

“ENOCH: Veja que na sua ficha no céu você já saiu do mundo terrestre e já deu entrada no mundo espiritual.

2ª Etapa – Ficha de Entrada ao Mundo Espiritual

Destino: +++

Ano de chegada no céu: 2020

Mês de chegada no céu: maio

Dia de chegada no céu: 07

Hora de chegada no céu: 23h00

Minutos de chegada no céu: 00h45

Segundos de chegada no céu: 00h0017

Milésimos de segundos de chegada no céu:
00h00033

Eu pensei comigo: estou no escritório da clínica de recuperação, no dia do meu aniversário. Onde vou arrumar três pessoas a estas horas? Já são 23h45.

ENOCH está desesperado. Pense rápido, por favor, Sr. Jose Maria.

Eu disse a ENOCH: mas eu estou bem, não vou morrer agora.

ENOCH disse: seu espírito pode ir embora a qualquer momento. O desespero toma conta de ENOCH. Meu Deus, por que fomos contrariar o fluxo da vida?

Eu ouvi um violão tocando baixinho. Fui até o pátio. Embaixo de uma frondosa árvore estavam quatro pacientes, sendo que três deles chegaram naquele mesmo dia, 7 de

maio. Corri até lá e disse: preciso de três pessoas agora, urgente.

Os três novos malucos me disseram: ô irmão, vamos lá. Em que a gente pode te ajudar?

Eu disse a eles: venham comigo, vamos rápido para o escritório.

ENOCH disse: graças a Deus.

ENOCH me disse: Jose Maria, você se deita no sofá. Vocês três repetem comigo esta oração: Deus misericordioso, salve esta jovem alma. Não o deixe morrer. Ele tem duas filhinhas para cuidar. Ainda tem muitos planos para fazer o bem ao próximo. Salve esta alma, meu Deus. Agora nós quatro falamos todos juntos, disse ENOCH. Obrigado, Senhor. Nosso irmão voltou. Muito obrigado, meu Deus.

Eu me levantei do sofá e bebi um pouco d'água. Não morri, mas minha boca já estava seca. Agradei os rapazes pela colaboração.

ENOCH: Graças a Deus deu certo. Foi por pouco. Veja novamente que o seu quadro demonstrativo de vida voltou em curso. Para eles você nasceu de novo.

1ª Etapa – Ficha de Entrada no Mundo Terrestre

Destino: §#§#§#§#§#§#

Ano de chegada na Terra: 2020

Mês de chegada na Terra: maio

Dia de chegada na Terra: 07

Hora de chegada na Terra: 23h00

Minutos de chegada na Terra: 00h46

Segundos de chegada na Terra: 00h08

Milésimos de segundos de chegada no céu:
00h00035

ENOCH: Eu consegui junto a Deus te salvar da morte. Sua vida vai prosseguir normalmente. No plano espiritual acrescenta-se um fator superpositivo. O seu espírito foi renovado, como se fosse um espírito de recém-nascido,

novinho em folha, e isso é ótimo. Agora, no plano terrestre, ocorre uma renovação de nascimento de 61 anos, mas isso só no registro da sua ficha de entrada na Terra, porque fisicamente o senhor vai continuar o mesmo.

ENOCH: Apesar de tudo, nossa invenção deu certo, mas temos que pedir perdão a Deus porque nossa ação não foi correta. Perdoe-nos, Senhor.

ENOCH: Vamos em frente, meu pupilo.

ENOCH: Por mais complexo que seja o contexto vivido pelo meu pupilo protegido e sua família, eu quero dar meu parecer sobre como eu vejo e avalio tudo isso.

ENOCH: Eu sou o anjo da guarda de Jose Maria Duarte, abençoado por Deus, este homem lutador que me orgulha e me incentiva a estar a seu lado sempre.

ENOCH: Vejo e converso com outros anjos que reclamam de seus protegidos porque eles não se esforçam e se entregam na primeira dificuldade.

ENOCH: Minha gente, pedir ajuda para o anjo e para Deus é muito fácil. Onde está a sua contrapartida? Onde estão seus atos de bravura e fibra?

ENOCH: Saibam todos que Deus e o anjo agem quando efetivamente se faz por merecer. Podemos evitar e tirar da frente coisas que os outros colocam diante de nossos protegidos. Estamos juntos para ajudar a alcançar o sucesso e os objetivos almejados.

ENOCH: O anjo, com as bênçãos de Deus, vai na frente e, acreditem, tiramos muita coisa da frente de vocês. Abram os olhos espirituais para enxergar o caminho da energia positiva, o caminho da paz e o caminho da prosperidade.

ENOCH: Sejam sempre fraternos com seus irmãos. Fazei o bem e não olhai a quem. Saibam dividir. Saibam impor as bênçãos divinas contra as ações e energias negativas.

ENOCH: Acreditem no Ser Superior, Deus. Ele está dentro de vocês para agir a qualquer momento. Basta achá-lo.

ENOCH: O segredo do anjo é estar diuturnamente com Deus. Eu peço o fortalecimento de minhas energias positivas a todo momento, mas, segundo reclamações de outros anjos, os protegidos consomem vorazmente as energias do anjo.

ENOCH: Primeiramente tenho que dizer-lhes que os cenários da vida são para os fortes e guerreiros, para aqueles que têm fé e esperança em um amanhã melhor, para aqueles que caem e se ralam, mas se benzem e se levantam quantas vezes forem necessárias. Esta década de 1959 a 1970 foi

muito dolorosa e sofrida para o meu pupilo protegido. Sofreu muito, mas agiu, tomou partido com seu pai e sua mãe. Ele não sofreu sozinho, se lamentando. Ele sofreu junto. É diferente estar sofrendo de ficar sofrendo. O estar sofrendo é temporário e o ficar sofrendo é duradouro. Jose Maria ficou sofrendo junto, participando e tentando encontrar alternativas, embora seu próprio pai não compartilhasse com a família os meandros dos acontecimentos, os níveis de dificuldades e explicasse até que ponto poderiam chegar os membros da família. Por sorte e ajuda celestial, o maestro da família teve prenúncios da tragédia e pôde apressar as suas ações, o que impediu maiores sofrimentos.

ENOCH: Não me lembro se surgiu via pensamento ou se me disseram para comentar se os insucessos e resultados negativos na vida podem ter influências de

passados de entes queridos e antepassados próximos, avós e avôs, bisavós e bisavôs. Claro que vou falar do meu pupilo protegido, Jose Maria Duarte. Seu avô materno Antônio Isaías pôs para sofrer sua filha Izaltina Cândida pelo efeito gangorra dos seus negócios, subiu, desceu, subiu, desceu. Ela, Izaltina, ficou na baixa e permaneceu na baixa por evidências da vida. Isso refletiu indiretamente na escala do meu pupilo.

O pai de Jose Maria Duarte, Sr. João Batista Pereira, não chegou nem a participar da gangorra econômica negativa. Eu diria assim: subiu parcial, manteve-se, desceu, desceu, desceu, manteve-se. Isto significa que o Sr. João Batista deu uma pequena subida, depois só desceu. Como não tinha mais para onde descer, manteve, que é um bom sinal. Não vejo que haja resquícios econômicos negativos de antepassados próximos nem tampouco de

longe. Acredito no esforço e aplicação de cada filho de Deus. A prosperidade é individual e vindoura para a família participativa, ou seja, o esforço é coletivo. É importante salientar que estamos falando de resquícios negativos.

Meus agradecimentos a todos que ajudaram a construir esta minha biografia, em especial meu anjo da guarda, ENOCH, o consagrado.

Fim

Sinopse

O autor descreve uma síntese de sua biografia adotando um método de cronômetro invertido, iniciando pela atualidade rumo ao passado, cujas atividades de conteúdo são convertidas em dias com avaliações de saldo a cada decêndio. Assim como outros líderes, o autor também revela sua fragilidade emocional, aliada ao seu egocentrismo que o leva à dependência química, fazendo-o buscar ajuda em clínicas especializadas.

Agradecimentos

Tenho uma profunda gratidão a Deus por ter me permitido escrever este livro, por ter me iluminado e ungido com gotas de sabedoria.

Muitas pessoas contribuíram para o bom andamento desta obra, desde os diretores da Clínica Nova Esperança, Sr. Rodrigo e Sr. Antônio, que permitiram o uso do ambiente até altas horas da noite para desenvolver meu trabalho, até os pacientes que me incentivaram com palavras de motivação e carinho.

Então, ele é dedicado a todas as pessoas que, de alguma maneira, fizeram parte da minha história.

Meus agradecimentos pelo apoio a Yolanda Braga, assistente social, e Dra. Mary, psicóloga, ambas profissionais da clínica Life Peniel.

Meus agradecimentos especiais a toda minha família, minha ex-esposa Vera Márcia, minha filha Ana Beatriz, meu querido genro Cesar e meu queridinho neto Antônio Gabriel, minha filha Júlia Maria e meu também querido genro Tomas, que são a razão da minha vida. Eu amo vocês.

Minha homenagem honrosa, com grande amor, à minha querida mãe Izaltina Cândida Pereira, in memoriam, e ao meu querido pai João Batista Pereira, in memoriam, por terem participado da minha vida.

Muito obrigado.

Contato

Se esta obra de alguma forma tocou você, sua participação é muito importante para mim.

Avaliação do livro

Convido você a deixar sua avaliação por meio do formulário disponível no link abaixo.

Sua opinião contribui diretamente para o aprimoramento de obras futuras.

👉 <https://forms.gle/pHdVj6hTjpNo1ubB7>

Críticas e comentários

Críticas, sugestões e impressões podem ser enviadas diretamente para o e-mail:

✉️ josemduartepereira@gmail.com

Contribuição espontânea

Caso você tenha apreciado esta leitura e deseje apoiar o trabalho do autor, é possível realizar uma contribuição espontânea, no valor que considerar justo, via PIX:

PIX – José Maria Duarte Pereira

CPF: 872.686.718-49

Banco Itaú S/A: – 341

Agência: 935-7

Conta Corrente: 42.066-1

 **Atendemos solicitações de livros impressos e encadernados.**

Fale comigo. Aguardo seu contato

 **josemduartepereira@gmail.com**

 Facebook:

<https://www.facebook.com/profile.php?id=61581142443443>

Agradeço profundamente por dedicar seu tempo a esta leitura.

O simples ato de ler já é, por si só, uma forma valiosa de apoio.

Se esta obra lhe trouxe reflexão, emoção ou companhia em algum momento, saiba que isso dá sentido a todo o caminho percorrido para escrevê-la.

Meu sincero obrigado.